

Ano XII

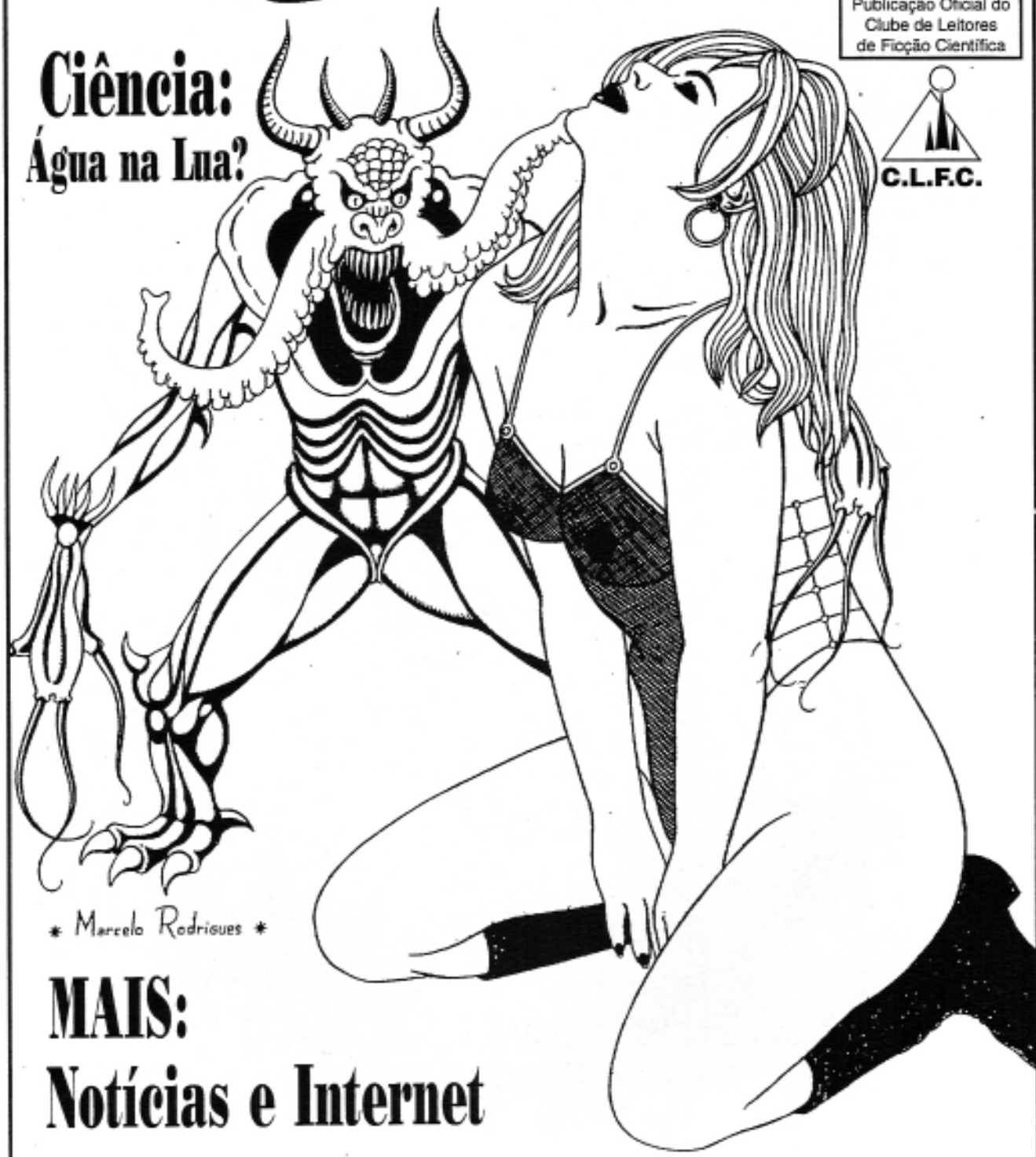
Nº 72

SOMNIUM

Publicação Oficial do
Clube de Leitores
de Ficção Científica



Ciência:
Água na Lua?



* Marcelo Rodrigues *

MAIS:
Notícias e Internet

**Ficções classificadas no Concurso Nautilus
de Edgard Powell e João Ventura**

Índice

Editorial

É hora de renovar

03

O que rola pelo Fandom

FC em Notícias

por Adriana Simon

04

Ciência para o amanhã

Depósito de água e exploração lunar

por Gerson Lodi-Ribeiro

14

Artigo

Os outros Brasis de Gerson Lodi-Ribeiro

por Fábio Barreto

17

Ficção

Luz Súbita

por Edgard Powell

18

Ascensão e queda da telenovela

por João Ventura

24

O milagreiro

por Dario Alberto de Andrade Filho

26

Listserver

Minha primeira vez...

compilado por Dario Alberto de Andrade Filho

28

Ilustrações

Marcelo Rodrigues

capa

José Carlos Neves

contra-capa

Eduardo Canha

02

Mario Mastrotti

03

Mauricio Tavares

17

Serjo Robert

23,27

Calazans

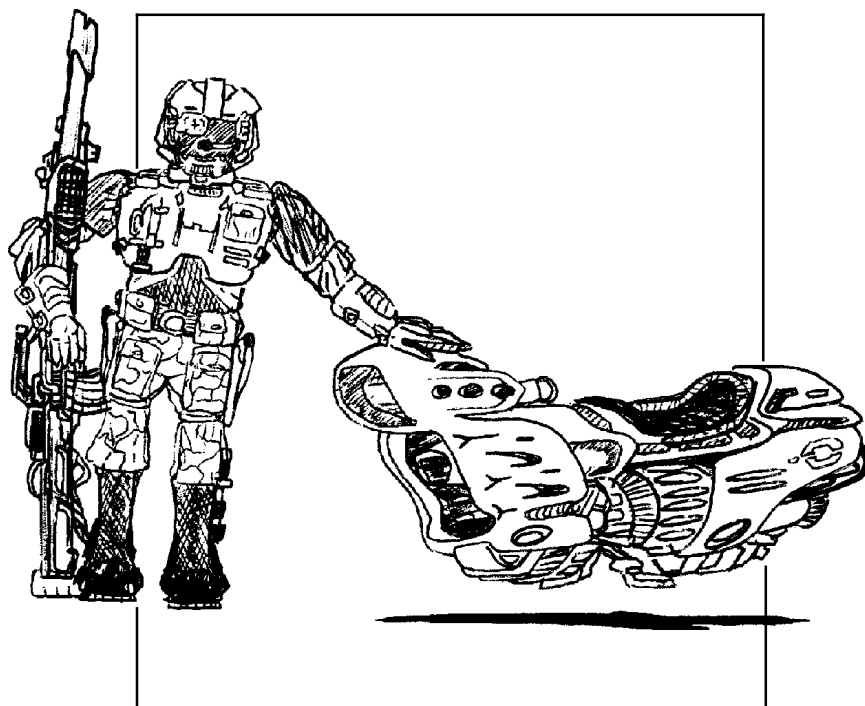
25

Alex Coimbra

30

Emir Ribeiro

31



SOMNIUM

número 72
junho de 1999

Editorias:
Social e Notícias

Adriana Simon
<asimon@uol.com.br>

Ciência

Gerson Lodi-Ribeiro
<glodir@unisys.com.br>

Artigos e Contos

Marcello Simão Branco
<msbranco@uol.com.br>

Listserver

Dario Alberto de Andrade Filho
<dario@francanet.com.br>

Geral

Cesar R. T. Silva.
<cerito@mandic.com.br>

**Produção Gráfica e
Gerência Comercial**

Humberto Fimiani

Arte, Diagramação e Revisão:

Cesar R.T. Silva

Tiragem: 100 exemplares

Somnium é a publicação oficial do Clube de Leitores de Ficção Científica - CLFC. Aceitam-se colaborações, que podem ser enviadas em disquete IBM PC ou por e-mail no programa Word 6.0 ou menor, que ficam sujeitas à apreciação da respectiva editoria. Os trabalhos publicados não fazem jus a qualquer remuneração e os direitos autorais permanecem de propriedade dos autores. Originais, publicados ou não, não serão devolvidos. Os textos assinados não refletem necessariamente a opinião da editoria.

O Clube de Leitores de Ficção Científica foi fundado em São Paulo, aos 14 de dezembro de 1985, tendo sido registrado no 3º Cartório de Registro Civil das Pessoas Jurídicas sob número 79.416/86. Sua diretoria para o biênio 1998/99 está composta pelos sócios Humberto Fimiani (Presidente), Marcello Simão Branco (Secretário Executivo) e Cesar R. T. Silva (Tesoureiro).

Correspondência:

CLFC - Clube de Leitores de Ficção Científica: Caixa Postal 2105
São Paulo-SP - 01060-970 - Brasil.
<http://members.tripod.com/~CLFC>

Mais uma edição. Mais uma vitória da perseverança coletiva destes editores e dos colaboradores.

Desde que a atual política editorial foi implantada, fazer as edições do *Somnium* não tem sido fácil, mas tem dado certo. Um e outro desencontro são inevitáveis mas, no geral, o grupo tem se dado bem com o esquema editorial compartilhado, que não sacrifica ninguém além do que cada um se propõe.

Mas é claro que isso não pode durar para sempre, ainda que seja do desejo dos leitores e do CLFC. Pois já é o tempo de renovar a diretoria do Clube e, com ela, a editoria deste fanzine.

O leitor/associado pode estar se perguntando: mas porque mudar, se está indo bem? Pelo simples fato de que a renovação é fundamental para a sobrevivência do Clube e também de suas publicações.

O *Somnium* já conheceu diversos editores e soluções gráficas, algumas realmente profissionais, e cada passo dado foi determinante na evolução do Clube. O *Somnium* é o principal órgão do Clube e está ao seu serviço; a existência do *Somnium* é, para muitos, a própria existência do CLFC.

Porisso o cargo de editor do *Somnium* reveste-se de importância politicamente capital. É através das páginas deste fanzine que o Clube se estrutura e se desenvolve, e para o Clube ir mais adiante é fundamental que o *Somnium* abra os caminhos.

Estamos em época eleitoral e tanto o CLFC como o *Somnium* precisam de novos talentos em seus quadros diretivos. Novas idéias, novos conceitos para evoluir e ir mais adiante.

Estamos realizando o nosso máximo, com uma publicação estruturada e regular como não foi por muitos anos, e queremos, como associados, que melhore muito mais. E é aí que o seu talento pode ser fundamental.

Vamos fazer diferente também isso desta vez. Participe do processo eletivo do CLFC, inscreva uma chapa para concorrer ao pleito, monte uma equipe para editar nossa publicações. E pode contar com a gente, que continuaremos a apoiar e colaborar com todo o nosso esforço.

OS EDITORES



Livros Lançamentos

ÍNDICE DE CONTOS DE FICÇÃO CIENTÍFICA E FANTÁSTICOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Das páginas do “Notícias...do Fim do Nada” em Porto Alegre surgiu a iniciativa de publicação deste novo “Índice”. Reproduzo aqui uma parte do anúncio de lançamento da obra:

(...) uma edição com mais de duzentas páginas, fina encadernação, capa dura, título gravado (...) Trata-se de uma obra de consulta para todos os “aficionados” da FC & F, aonde poderão se localizar inclusive enquanto autores (...) são listados 1728 autores, relacionando-se títulos de 6739 textos com as referências: autor, título do conto, livro, antologia, fanzine e número de páginas. (...)

Apenas quando se conseguia o texto original ou cópia - fruto da colaboração de inúmeros sócios do CLFC para localização de antologias, revistas e obras raras ou pouco divulgadas - é que se incluiu na listagem geral cada título. (...) Com exceção dos poucos livros que se rompem ao serem copiados pode-se atender pedidos de reprodução de qualquer conto. (...)

Em apêndice, incluem-se as relações obtidas na “garimpagem” das revistas “Eu Sei Tudo”, “Seleções”, “Playboy”, “Ficção”, “Planeta”, “Avec”, “Revista X-9”, “Ross Pynn Antologias de Mistério”, livros da série “Alfred Hitchcock”, “Mistério Magazine de Ellery Queen”, o fantástico de Edgar Allan Poe, etc.

A venda do “Índice” será feita por meio de pedido prévio e então se fará a produção de cada volume. Prazo de entrega: duas a três semanas pelo Correio (nas primeiras solicitações as despesas postais estarão incluídas no preço). Não será comercializado em livrarias. Dessa forma para adquiri-lo basta remeter R\$ 22,00 em cheque nominal para: Ruby Felisbino Medeiros Rua Comendador Azevedo, 506,

90220-150 Porto Alegre - RS - Brasil
Tel.: +55 051 225 0847

“Com a certeza de estar prestando um serviço aos aficionados, tem-se a esperança de ter relacionado um percentual elevado do que foi publicado. A próxima edição deste trabalho só será possível no novo milênio e desde agora aceitam-se outros textos para inclusão, correção de omissões ou irregularidades. Escreva! Qualquer sugestão será bem-vinda.

Ruby Felisbino Medeiros”.
(por Fábio Silveira Lazzari)

Outros Brasis

A PAPIRO EDITORA está lançando cinco novos títulos, dentre os quais a primeira coletânea de contos de História Alternativa de Gerson Lodi-Ribeiro, a **Outros Brasis**, coletânea de cinco histórias alternativas, incluindo os premiados “A Ética da Traição” e “O Vampiro de Nova Holanda”, com prefácio de Bráulio Tavares e capa de Octávio Aragão inspirada no quadro “Batalha Naval do Riachuelo” de Vitor Meireles.

Detalhes sobre o livro podem ser encontrados no site da Papiro/PUC-Rio (inclusive com a possibilidade de compra de livros pela Internet):

www.papiroeditora.com.br ou pelo e-mail editor@papiroeditora.com.br

O OUTRO LADO DO PROTOCOLO

Novela distópica de Paulo de Sousa Ramos que conta a jornada de um homem contemporâneo até um futuro que desconhece doença e envelhecimento, além de ser liberal quanto ao sexo. 55 páginas, capa dura, sobrecapa e ilustração interna. Pedidos para: Edgard Guimarães; R. Capitão Manuel Gomes, 168; MG; CEP:37530-000.
VISÕES DA NOITE - HISTÓRIAS DE TERROR SARCÁSTICO

(Record)

Coletânea de contos de Bierce, escritor representativo do horror em meados do século XIX e início deste. Edição de Heloisa Seixas. Conforme ar-

tigo de Sérgio Augusto que saiu no **Estadão** de 24/04/99, Bierce sumiu no meio da Revolução Mexicana em 1913, sem deixar vestígios, nem se saber exatamente como ele teria morrido. Polêmico e arrivista, colecionou desafetos e tinha uma visão peculiar e pessimista da vida. Eis algumas de suas opiniões: Religião: “Uma filha da esperança com o medo, explicando para a ignorância a natureza do incognoscível”; Nascimento: “O primeiro e mais terrível dos desastres”; Amor: “Insanidade passageira, curável pelo casamento”; Casamento: “Cerimônia em que dois se tornam um, um se torna nada e nada se torna suportável”. O lançamento é recomendável pela lacuna que preenche na ficção de Bierce. (por Marcello Simão Branco)

THE PRIMROSE PATH

Segundo artigo de Richard Brooks, do **The Sunday Times**, foi “Descoberto romance de estréia de Stoker” (!). O manuscrito Bram Stoker esteve perdido por 120 anos e havia sido publicado em capítulos em uma pequena revista irlandesa. Só agora será lançado em forma de livro. É um texto sobre horror, com elementos que seriam desenvolvidos mais tarde em sua obra mais conhecida **Dracula**. (por Marcello Simão Branco)

Arquivo X

A Editora Mercuryo, por meio do selo Unicórnio Azul, estará lançando mais nove livros da série *Arquivo X* nos próximos meses. Os livros cobrem tanto episódios inéditos quanto novelizações de filmes já apresentados na televisão. Segundo a editora (<http://www.mercuryo.com.br>) os lançamentos ainda não tem datas exatas. (por Aldo Novak - editor.axreport@newsflash.com.br)

SKIN

Escrito por Beb Mezrich. Um homem de mais de 35 anos dá entrada no pronto socorro de Nova York, com sérias complicações cardíacas. Já no necro-

tério, o desconhecido é confundido com outro paciente, e sua pele é retirada por dois estudantes de Medicina do Banco de Pele do Corpo de Bombeiros de Nova York, que conseguem até US\$20 por hora, tirando pele para transplante. Enquanto esfolam o corpo, notam um estranho vermelhidão na nuca, mas imaginam ser apenas um problema de epiderme. Alguns dias depois, a pele é transplantada para uma vítima de queimadura, o professor de Psicologia Perry Stanton, de 63 anos, que acorda no pós-operatório reclamando de coceira intensa e desconforto na área transplantada, na coxa direita. Depois de um misterioso estrondo, aparece uma enfermeira morta, com sua cabeça selvagemmente esmagada, por uma força incomum, não-humana, e um total e completo caos no quarto de Stanton, o provável causador, que está agora desaparecido. Os agentes Fox Mulder e Dana Scully saem em busca do doador, mas a resposta parece estar numa vasta caverna na Tailândia, em testes realizados em soldados americanos mortos durante a Guerra do Vietnã.

MAD COWS, CLONES AND CHIMERAS: The Real Science Behind The X-Files

Escrito pela Dra. Anne Simon, eminente virologista da Universidade de Massachusetts, que foi convidada por Chris Carter em 1994 para ser a consultora científica de *Arquivo X*, e desde então vem participando da roteirização dos episódios, sempre com o objetivo de mostrar a realidade científica dentro da ficção. Em agradecimento, Carter deu seu nome a uma cientista de um dos episódios, além de tê-la convidado para dar consultoria no longa metragem de *Arquivo X*. Este livro, ainda sem título definido em português, traz um roteiro dividido por episódios, apresentando explicações científicas por trás dos estranhos fenômenos inexplicáveis, mutantes, vírus desconhecidos e uma infinidade de incríveis acontecimentos. O conhecimento de Simon é transmitido principalmente através da personagem Scully, cientista e especialista forense, cheia de ceticismo, que faz o contraponto com seu parceiro, Fox Mulder.

Novelizações

Série Vermelha:

A MORTE VEM DO ESPAÇO

Escrito por Easton Royce. Duas garotas adolescentes que estudam juntas e que nasceram no mesmo dia envolvem-se em uma série de mortes, graças a um raro alinhamento dos planetas que provoca estranhos comportamentos em todas as pessoas da cidade, assim como em Mulder e Scully.

NOSSA CIDADE

Escrito por Eric Elfman. Mulder e Scully investigam o assassinato de um homem de meia-idade, o inspetor federal George Kearns, em uma pequena cidade do sul dos Estados Unidos. O crime envolve estranhos segredos relacionados a uma usina de processamento de carne de aves. Este é segundo episódio em que Mulder mata alguém.

CATIVEIRO

Escrito por Ellen Steiber. O estranho seqüestro de uma menina leva Mulder a pedir ajuda à garçonete Lucy Householder, raptada pelo mesmo homem anos antes. Lucy tem a capacidade de sentir o mesmo que a vítima está sentindo, apresentando os mesmos aspectos físicos e psicológicos.

OSSOS FRESCOS

Escrito por Les Martin. O cabo McAlpin vê larvas ao invés de cereais na tigela de leite do café da manhã, e sai dirigindo como louco, acabando por bater numa árvore que tem marcas vudus no seu tronco. Sua morte é a segunda em uma semana entre os soldados de um campo de refugiados haitianos. Depois de uma série de mortes, Mulder e Scully descobrem que estão no meio de uma guerra secreta entre o comandante do acampamento e um sacerdote vodu.

O INSTIGADOR

Escrito por Everett Owens. Os agentes investigam um homem que possui o poder de controlar a vontade das outras pessoas, envolvendo Mulder em uma assustadora batalha mental.

O HOSPEDEIRO

Escrito por Les Martin. Mulder depara com uma mutação genética, o Flukeman, ao investigar um assassinato ocorrido no sistema de esgotos de New Jersey. Scully realiza a autópsia

em um corpo encontrado nos esgotos e descobre uma enorme criatura viva dentro do cadáver. Os agentes são orientados por um “amigo do FBI”, na primeira aparição do misterioso “X”.

DINHEIRO INFERNAL

Escrito por Ellen Steiber. A morte de vários imigrantes chineses, que perderam diversos órgãos internos, leva Mulder e Scully a um misterioso jogo, de conseqüências potencialmente fatais.

QUARK

Está sendo criada uma nova alternativa para gêneros tão desprezados de nossa literatura: ficção científica e terror. O nome do empreendimento é QUARK, e trata-se de uma revista que trará contos e romances desses dois gêneros e serão incluídos apenas autores de língua portuguesa. Três premissas básicas nortearão nosso trabalho:

- 1- Acreditamos entusiasticamente no poder dos autores nacionais de ficção científica e terror.
- 2- Trabalharemos apenas com material de qualidade.
- 3- Todas as obras que participarem de QUARK serão remuneradas.

Caso você queira participar ativamente dessa iniciativa, envie um e-mail para r_quark@hotmail.com, dizendo o que você pode nos oferecer. Estamos procurando por contos, romances, ilustrações, ensaios e qualquer outra coisa que você ache aplicável. Para maiores informações, visite também a Home Page: <http://www.geocities.com/SoHo/Exhibit/2926/index.html>

Marcelo Baldini

Jorne Nunes

Autor entre outras coisas de *O Furacão Marilyn*, publicado no último *Megalon*, ganhou o concurso da Biblioteca Nacional para romances com um seu trabalho ainda não publicado que, na verdade, é uma história de ficção científica ambientada no Rio de Janeiro. Os interessados podem entrar em contato com o mesmo através do e-mail jorgenunes@ax.apc.org ou da URL <http://www.alternex.com.br/~jorgenunes>.

Segue um comentário da crítica a uma

parte do conto que se encontra *on line* e é interativo... “Há duas semanas, mais ou menos, recebi pelo e-mail de Blocos uma proposta cultural bastante diferente. Chama-se *Macacos*, e propõe a criação de um texto coletivo e impessoal, não preocupado com o sentido ou com o nexos de cada frase, mas sim constituído de elos intrínsecos e sutis, pela analogia que cada palavra ou expressão desperta em quem a lê. Não há quaisquer restrições participativas: nem morais, nem léxicas, nem estilísticas, nem idiomáticas, nem de tamanho. A intervenção é feita pela sonoridade, grafia, lembranças pessoais, enfim, por qualquer ilação que dê continuidade à última palavra, valendo, inclusive, alterar o que já fora escrito. Sorri, pois minha primeira associação foi aquele teste de lâminas que fazemos sempre em todos os psicotécnicos da vida. Só que, em vez de manchas coloridas, as palavras, aqui, eram o fio condutor, guiando-nos por labirintos interiores, quase como um filme sobre nossas entranhas, do tipo “Viagem Fantástica”, ou como um divertido “pega-pela-palavra”, mas com interpretações e implicações nada literais. E, já que eu tinha associado a proposta a um teste, resolvi fazer uma travessura, ou melhor, uma macacada e, numa espécie de experiência laboratorial, fascinada por lidar pela primeira vez com uma cobaia apenas virtual... redirecionei o mail para minha lista de escritores, a “Mixagem Literária”, esperando pelas reações. Algumas pessoas se preocuparam em saber se o *attachment* vinha de fonte segura, pois, caso contrário, seria perigoso abri-lo; outras silenciaram, digerindo a proposta; teve quem mandasse gifs animados de simpáticos símios, como sempre fazendo das suas. De todos, uma única interferiu. Então, enviei o resultado obtido ao coordenador desta originalíssima corrente, dizendo-lhe que achava muito interessante este desestruturar do discurso verbal concatenado, remontando-o em um hipertexto “linkado” ao emocional de cada um e, simultaneamente, ao inconsciente coletivo. Pois a resposta de Jorge Moreira Nunes trouxe-me uma

informação ainda mais surpreendente: *Macacos* fazia parte de um projeto que obteve o Prêmio Bolsa de Livros Inéditos da Fundação Biblioteca Nacional. Portanto, o que podia parecer à primeira vista um simples jogo, fazia parte de pesquisa mais ampla, que visava a busca de uma nova forma de leitura e também de autoria. Resolvi coletivizar o projeto: coloquei-o em Blocos, na parte de serviços, principalmente porque, como o autor explica, mesmo fazendo parte de uma obra impressa, sendo um livro sempre restrito a determinado número de páginas, o melhor palco de atuação de *Macacos* é a própria Internet, devido ao espaço que ocupa e também pelo seu tempo de duração, sem nenhum prazo previsto de término — aliás, o bom seria se fosse uma obra interminável, ou seja: o reflexo de um interminável processo criativo. Sobre a prosa, em si, ela traz momentos deliciosos, desperta *insights*, gera idéias, aguça a imaginação, desenvolve e movimenta vertiginosamente a nossa percepção sensorial. Quem quiser se inteirar e até interagir, é só ir até o site, copiar o texto, alterar ou acrescentar o que deseje, e depois enviar diretamente para o criador do projeto. Pessoalmente, é o tipo da macaquice que eu gosto. E macacos me mordam se vocês não gostarem também. Leila Míccolis”. (por Octavio Aragão)

Teatro

Estreou no Rio uma peça que parece ser bastante interessante. Se chama “Os Ratos do Ano de 2030”, do ator e escritor Flávio Migliaccio. Parece legal o jeito que ele retrata o futuro e seus problemas, com aquele ambiente caótico já conhecido que ajuda a enfatizar a situação crítica do mundo, a visão sombria do futuro. No que diz respeito ao tema, me lembrou o filme *Metrópolis*, de Fritz Lang, mas não passa de apenas “lembrar”, pois a história segue caminhos distintos. Escrevo aqui a reportagem de Daniel Koslinski, tal qual saiu na revista *Programa do JB*.

A Máquina e O Rato

Flávio Migliaccio levou nada menos

que nove anos para escrever “Os Ratos do Ano 2030”, peça que estréia este fim de semana no Espaço Cultural dos Correios. Foi minucioso em cada frase, para alcançar o objetivo de trazer de volta o teatro preocupado com as questões sociais. “Quis ter certeza que apresentaria um produto de absoluta qualidade para o público”, diz o ator, que também dirige e atua, ao lado da irmã, a atriz Dirce Migliaccio, afastada dos palcos há três anos. Em “Os Ratos do Ano 2030” Flávio deu um salto no tempo para contar uma história que acredita ser o retrato sombrio de uma realidade que já assola o presente - sem, para isso, dispensar os risos do espectador. “A peça é uma tragicomédia. O humor é cheio de emoção”, explica Flávio. No palco, os irmãos vivem um casal que invade a fábrica onde trabalham para perguntar a um supercomputador se seus nomes estão na lista de demissões. Com a confirmação, os dois iniciam uma apaixonada argumentação com a máquina para tentar manter seus empregos. No futuro de Flávio, os desempregados são condenados a viver nos bueiros, como os ratos: “Eu me inspirei em uma situação real do presente. Em algumas empresas são os computadores que elaboram a lista de demissões.”

(por Spooky)

Cinema

Star Wars: Episode One - The Phantom Menace

O segundo trailer do filme foi liberado nos EUA no dia 12 de março, no começo do filme *Wing Commander*. Mas ao contrário dos cinco minutos que tinham sido divulgados para todos, George Lucas lançou o segundo trailer com apenas 2 minutos e meio. George Lucas revelou que o personagem Jar Jar Binks, vai ter um dialeto especial, dez vezes mais complexo que o dialeto de Yoda. Elenco: Ewan McGregor, Liam Neeson, Natalie Portman, Jake Lloyd e Samuel L. Jackson

The 13th Floor

O filme é baseado no livro de Daniel F. Galoué, *Simulacron 3*. No décimo terceiro andar de uma grande com-

panhia um grupo de cientistas tenta criar a realidade virtual perfeita. Mas depois de seis anos de pesquisa eles resolvem testar, e descobrem que o resultado final foi um sucesso. Só que o chefe do grupo é assassinado e um jovem cientista é acusado. Agora ele tem que provar sua inocência antes que seja tarde demais. Elenco: Craig Bierko, Gretchen Mol, Armin Mueller-Stahl, Vincent D'Onofrio, Dennis Haysbert, Steven Schub e Bob Clendenin. Direção: Josef Rusnak. Produção: Roland Emmerich, Ute Emmerich e Marco Weber. Roteiro: Josef Rusnak e Ravel Centeno-Rodriguez.

A Múmia (The Mummy)

O filme é um *remake* do clássico de 1932, com Boris Karloff no papel principal. No ano de 1925, uma expedição no deserto do Saara libera uma múmia enterrada há três mil anos. A múmia reencarna no corpo de um vingativo sacerdote egípcio, que havia sido sentenciado a viver para sempre como um morto vivo. Elenco: Brendan Fraser, Rachel Weisz, John Hannah e Arnold Vo. Produção: Jim Jacks e Sean Daniels. Roteiro e direção: Steve Sommers.

In Dreams

Claire Cooper é uma mulher que começa a sonhar com coisas que vão acontecer, principalmente crimes cometidos por um determinado assassino. Só que o assassino começa a entrar nos sonhos dela e a ameaçá-la de morte. Elenco: Annette Bening, Robert Downey, Jr., Stephen Rea e Aidan Quinn. Direção: Neil Jordan. Roteiro: Bruce Robinson e Neil Jordan

Olhos Bem Fechados (Eyes Wide Shut)

Dois psiquiatras casados, acabam tendo encontros com seus pacientes e revelando uma vida cheia de fantasias sexuais e drogas pesadas. O filme bateu o recorde de tempo de filmagem, e foi rodado durante mais de 24 meses, deixando os astros Cruise e Kidman, sem aparecer nas telas durante este tempo. Todo o filme é cercado de um grande mistério, e nem imagens são fornecidas. O ator Harvey Keitel estava no elenco e che-

gou a filmar várias cenas, mas depois de brigar com Kubrick, ele foi substituído por Sydney Pollack, que era amigo do diretor. A atriz Jennifer Jason Leigh também estava no filme, e foi até o final das filmagens, mas foi demitida pelo diretor e todas as suas cenas tiveram que ser refeitas. Elenco: Tom Cruise, Nicole Kidman, Sydney Pollack, Vinessa Shaw, Todd Field, Thomas Gibson (Dharma & Greg) e Leelee Sobieski. Direção: Stanley Kubrick Roteiro: Frederic Raphael e Stanley Kubrick Produção: Stanley Kubrick

X-Men

A Fox revelou que vai lançar o filme *The X-Men* no ano 2000, o filme do Quarteto Fantástico (*Fantastic Four*) em 2001 e o filme do Surfista Prateado (*The Silver Surfer*) em 2002.

Batman: Year One

O diretor Joel Schumacher revelou que pretende usar o roteiro que Frank Miller escreveu para a revista em quadrinhos *Batman: Year One*, no novo filme *Batman 5*. Se ele usar este roteiro, Batman vai estar com apenas 20 anos e vai usar pela primeira vez a roupa do homem morcego.

Mais X-Files de Stephen King

Em recente entrevista para a BBC, Chris Carter revelou que Stephen King vai escrever outro roteiro para *X-Files*. E eles querem que George Romero seja o diretor deste episódio. E no chat que participou no site da *TV Guide*, Chris Carter revelou que o segundo filme para cinema da série só vai ser lançado no verão do ano 2001, ou em 2002. E que a série vai acabar na próxima temporada. (*Parada Obrigatória* - <http://www.parada.com.br>)

Agora já é semi-oficial.

Brannon Braga, co-roteirista de "Generations" e "Primeiro Contato" deverá escrever o próximo longa metragem de *Jornada nas Estrelas: A Nova Geração*. Pelo menos essa é a notícia dada pelo *newsletter* de *Inssurrection*, em http://home.interstat.net/~tomveil/st_nem.html. O filme deverá ser lançado em 2001 — uma data muito espacial para o cinema, claro

— e os atores Patrick Stewart e Brent Spiner querem estar envolvidos com o desenvolvimento da estória e dos personagens. O diretor da próxima aventura *trekker* ainda não foi escolhido. (*de AX Report*).

Obituário

Memorial Stanley Kubrick

Londres - O cineasta norte-americano Stanley Kubrick morreu aos 70 anos, na sua casa de campo, próxima de Londres. A causa da morte não foi informada. Kubrick, que nasceu em Nova York, vivia desde 1961 na Inglaterra. Entre seus filmes mais famosas estão "2001 - Uma Odisséia no Espaço" (1968) e "Laranja Mecânica" (1971). Kubrick havia terminado recentemente de rodar "Eyes wide shut", estrelado por Nicole Kidman e Tom Cruise. (*por Carlos Orsi Martinho*)

Recebi a notícia da morte de Stanley Kubrick com o mesmo impacto que a de um cometa em direção à Terra. Levei horas para aceitar o fato de o cinema ter perdido seu gênio maior. Assim de repente... Kubrick se foi e com ele nossas esperanças em sempre encontrar um filme de respeito no cinema... "Eyes Wild Shut" será a última oportunidade para devotos de Kubrick — assim como eu — verem o trabalho do homem que realizou o melhor filme de FC de todos os tempos: "2001 - Uma Odisséia no Espaço". O cinema de Kubrick era arte e emoção ao mesmo tempo. Me digam como poderei esquecer um Jack Nicholson possesso em "O Iluminado", ou aquela cena do foguete em "Dr. Fantástico"... ou ainda as maravilhas do mundo juvenil de "Lolita"... Agora com sua partida acho que Kubrick chegará perto do Monolito e do Criador... Vai com Deus, Stan... Tua genialidade fez valer a pena... (*por Fábio Barreto*)

O mínimo que posso dizer é que Stanley Kubrick é o autor do melhor filme que vi em minha vida e que me fez enveredar pela FC: *2001, Uma Odisséia no Espaço*. Vi pela primeira vez aos 16 anos e pirei. Revi ano passado no cinema (no maior aconte-

cimento cinematográfico de minha vida) e... pirei zilhões de vezes mais. Mas Kubrick não é só *2001*. E até poderia. Ele filmou *O Grande Golpe* um dos mais originais e inteligentes policiais noir já realizados. Dirigiu o clássico anti-guerra *Glória Feita de Sangue* expondo cruamente a covardia de um comando francês na Primeira Guerra, matando um batalhão inteiro para a vaidade de um general. Concebeu *Spartacus*, um libelo à liberdade dos povos oprimidos - da Roma antiga aos Impérios contemporâneos. Fez *Lolita*, um filme escandaloso para o falso moralismo puritano WASP. Ridicularizou o poder político e militar no genial *Dr. Fantástico*. Depois de *2001* fez o não menos genial *Laranja Mecânica* - vi em 1988 no Olido e fiquei amalucado com a anarquia concebida em uma sociedade totalitária. Em 1975 fez *Barry Lindon* que eu ainda não vi. Depois veio o melhor e mais artístico filme de horror já realizado, *O Iluminado*. E ele não poderia furtar-se a interpretar o maior fracasso da história da América, no provocativo e perturbador, *Nascido para Matar*. Uau! E vem mais por aí, com *Olhos Bem Fechados*... (por *Marcello Simão Branco*)

Adolfo Bioy Casares

Morre aos 84 anos o novelista argentino Adolfo Bioy Casares, por falha do coração e dos pulmões. O escritor era conhecido por trabalhos de ficção como *A invenção de Morel*, pelo qual recebeu da Espanha o Prêmio Cervantes em 1991, e *Diário da Guerra do Porco*. Ele também escreveu pequenas novelas policiais com seu amigo, o escritor Jorge Luis Borges, sob os pseudônimos de Suárez Lynch e H. Bustos Domecq. Ao lado de Ernesto Sábato (ainda vivo, com 87 anos), Julio Cortázar (1914-1984) e Jorge Luis Borges (1899-1986), Casares formou o quarteto dos maiores autores argentinos contemporâneos. Além de *A Invenção de Morel*, entre suas principais obras se destacam *Plano de Evasão*, *O Sonho dos Heróis*, *Histórias Fantásticas*, *Histórias de Amor* e *Histórias Desaforadas*. Sempre as-

sociado à figura de Borges, 15 anos mais velho que ele e, em certo sentido, seu pai intelectual, Bioy Casares no entanto construiu uma obra própria, marcada pela estranheza e pelo humor em surdina. “Numa época de escritores caóticos, que se vangloriam de sê-lo, Bioy é um homem clássico”, definiu o amigo Borges. O escritor preparava o lançamento de *Conversações com Borges* para este ano, quando o amigo completaria cem anos. Além do livro sobre Borges, ele tinha outros projetos. O narrador de inventos fantásticos, que redigia à mão e não usava computador ou máquina de escrever, havia terminado recentemente um conto, estudava elaborar novas memórias e guardava na cabeça o argumento de uma novela. Pouco antes de morrer, Bioy disse de si mesmo: “Sou um espírito melancólico, mas com temperamento extrovertido”. Disse também que, se lhe aparecesse uma fada madrinha, só teria um pedido a fazer: viver para sempre. (enviado por *Ramon Bacelar*)

Lee Falk

Morre aos 87 anos em Nova York, Lee Falk, criador dos personagens de quadrinhos Mandrake e Fantasma. Em 1930, aos 19 anos, criou *Mandrake the Magician*, que só seria publicado em 1934, com desenhos de Phil Davis. Mandrake foi o primeiro personagem mágico a ter aventuras em HQs. Hoje, suas histórias são publicadas em 125 jornais de todo o mundo. O personagem mais importante de Falk surgiu em 1936: o mascarado *Fantasma*. Desenhado por Ray Moore, ele usava um uniforme roxo, uma pequena máscara preta e um anel de caveira. No Brasil, por um erro da gráfica, o personagem usou uniforme vermelho por anos. Na história, o uniforme é passado de pai para filho desde o século XVI. Quanto a mim tenho a acrescentar que as aventuras do Fantasma foram das primeiras que li em minha infância, o primeiro personagem de quadrinhos que me fascinou: histórias misteriosas, lendas, seu véu de obscuridade e mítica imortalidade... *Fantasma* é uma das grandes criações da história dos quadrinhos, o “espírito que anda”...

(por *Marcello Simão Branco*)

Ciência

O *JB* de 16 de março noticia que cientistas americanos e britânicos ligados ao Instituto Nacional de Pesquisas do Genoma Humano dos Estados Unidos e o Sanger Center e o Fundo Wellcome Trust britânicos anunciaram a antecipação da primeira versão do mapeamento completo da sequência dos cerca de 100.000 genes dos seres humanos de setembro de 2001 p/ fevereiro de 2000. O ‘rascunho’ vai relacionar cerca de 90% dos genes. O levantamento completo vai ficar pronto até 2003. Até lá as novas informações vão ser apresentadas via Internet. A sequência total é estimada em cerca de 3 bilhões de nucleotídeos. Trata-se de um dos maiores feitos científicos do século e, segundo os cientistas do projeto, vai dar início a uma ‘ciência pós-genoma’ para a descoberta da função exata de cada um dos genes mapeados. Podemos estar testemunhando a aurora de uma nova era genética, com conseqüências que poderão afetar nossas vidas no próximo século. Doenças hoje terminais ou crônicas, como disfunções genéticas ou cânceres poderão ser não só curadas ou evitadas, mas também previstas com antecedência. Poderemos identificar o que faz as células nervosas se reproduzirem para crescer, mas não para recompor fibras seccionadas do sistema nervoso central (a cura dos para e tetraplégicos). Mas o escaneamento genético dos indivíduos, como em *Gattaca*, determinando seu lugar e papel na sociedade, passa a ser também uma possibilidade mais verossímil. Assim como a eugenia, a clonagem, a partenogênese, a manipulação artificial de genomas humanos e a eliminação genética profilática (eutanasia precoce?) de indivíduos por ‘interesse genético social’. Esses sonhos e pesadelos são a potencial conseqüência do mapa genético completo do ser humano que está para ser concluído depois de 15 anos de pesquisas em diversos laboratórios do mundo inteiro em trabalho coordenado. E para especular sobre o futuro, ninguém melhor q os escritores de FC. Como leitor, estou sedento. Oh, Brave New World! (por *Eduardo Torres*)

Internet

Blocos

Se você gosta de literatura (poesia, prosa, artigos, depoimentos, concursos, lista de mails e sites culturais), fórum, chat literário, venha conhecer Blocos — o site literário mais premiado do Brasil (61 prêmios, 50 internacionais) — e participar dele também. Se você já o conhece venha ler as novidades, pois Blocos é atualizado diariamente. Blocos - <http://zaz.com.br/blocos>; Leila Miccolis: <http://www.geocities.com/Athens/Parthenon/2929/>; Urhacy Faustino: <http://www.geocities.com/Paris/LeftBank/8949/>.

Sites interessantes de homens interessantes

Isaac Asimov:

http://www.clark.net/pub/edseiler/WWW/asimov_FAQ.html#starters

H.P. Lovecraft:

<http://www.hplovecraft.com/>

Dan Simmons:

<http://www.levity.com/corduroy/simmons.htm>

Fritz Leiber:

<http://www.lankhmar.demon.co.uk>

Samuel R. Delany:

<http://www.pcc.com/~jay/delany/>

Tim Powers:

<http://easyweb.easynet.co.uk/~jberlyne/powers/works.htm>

Julio Cortazar:

<http://www.crl.com/~subir/cortazar/>

Theodore Sturgeon:

<http://glinda.lrs.m.upenn.edu/~weeks/misc/sturgeon.html>

Franz Kafka:

<http://www.cowland.com/josephk/josephk.htm>

Harlan Ellison:

<http://harlanellison.com/randquot.htm>

William Gibson:

<http://www.ee.oulu.fi/~thefinn/gibson/gibson.html>

Greg Egan:

<http://www.sam.math.ethz.ch/%7Epkeller/Egan-Page.html>

James Blaylock:

<http://www.sybertooth.com/blaylock/>

Patricia Anthony:

<http://www.patricia-anthony.com/>

John Crowley:

<http://www.tezcat.com/~josephb/lit/crowley/index.html>

Joe Haldeman:

<http://www.teleport.com/~cos/jhald/index/html>

Robert Sheckley:

<http://www.fantascienza.com/sfpeople/robert.sheckley>

Gene Wolfe:

<http://world.std.com/~pduggan/wolfe.html>

Orson Scott Card:

<http://www.hatrack.com>

Fredric Brown:

<http://pages.prognat.com/jeremyc/html/paradox.html>

(por Ramon Bacelar, Luiz Felipe e Braulio Tavares)

Multimídias Voyage

Agora disponível na internet, toda a trilha sonora da obra Projeto Multimídias Voyage.

“Uma antiga amizade, uma paixão irremediável por ficção científica, um encontro de sonhos. E foi assim que depois de um ano e seis meses foi concluída a primeira trilha sonora de uma obra de ficção científica, em comemoração aos 33 anos de sua publicação original.”

Voyage é o título compacto de uma obra de ficção científica datada de 1966, e agora em 1999, o livro completará o seu trigésimo terceiro aniversário, e têm-se muito a comemorar, afinal não se desgastou e, nem tão pouco, se desatualizou. Sua narrativa continua clara, moderna e de um futurismo sem precedentes, e para tal, seu autor, em conjunto com o criador e intérprete da trilha sonora, partem para a globalização da obra e de sua conquista no universo multimídia da internet, ou seja, todas as músicas originais da trilha sonora estão disponíveis no site “VOYAGE”, (ícone: “Trilha Sonora” por Download) em extensão de áudio MP3 (powered by Audioactive), a última palavra da mídia em conceito de áudio profissional (equivalente ao CD). Endereço: <http://www//angelfire.com/md/fiction/voyage.html> ou <http://projeto-voyage.cjb.net>.

A captação sonora original foi realizada ao final de 1997 no Teatro do Hotel Maksoud. Ali historicamente foram gravadas as quinze músicas que integram a primeira trilha sonora de

um livro de ficção científica (uma música e letra para cada capítulo).

A produção do vídeo foi realizada com 3 câmaras, e o som registrado em DAT (Digital Audio Tape). Cláudio Denis Maksoud é o autor das letras e da trilha sonora que acompanham a obra. O som básico é piano, letras e vocal considerado pelos experts “de altíssimo nível (internacional)”.

Os títulos e as letras das músicas são interpretadas em inglês, devido a intenção original de maior globalização de seu alcance (as traduções estão no site em português). O site contém ainda mais duas melodias cedidas pelo renomado conjunto europeu MadreDeus.

O internauta terá a oportunidade de conhecer ao vivo em som de última geração, o MP3 Pro Digital (powered by Audioactive), as maravilhas de um novo tempo na Internet, a interação sonora na literatura da ficção científica. Ter acesso a obra literária integral, quer em português ou inglês.

Obs: Caso o internauta desconheça tecnicamente o MP3 e seus recursos, as páginas e os seus links dão total apoio no passo a passo, e mais as novidades do mercado mundial da indústria do MP3: virtual, portátil e para automóvel. Conta também com um site de várias dezenas de programas destinados ao uso dinâmico de todos os recursos do MP3 (players, editores, enconders, decoders...).

Projeto Multimídias Voyage tem o objetivo com apoio de patrocinadores e entidades culturais, de transformar-se em sete mídias: CD Rom, CD laser, fita cassette, livro, fita VHS ao vivo, concerto ao vivo e Internet. (por Ghaba)

Locus

A revista americana *Locus* de abril tem presença brasileira. Roberto de Sousa Causo publica um ensaio na seção “Commentary”: “The Next Wave” - sobre uma possível nova tendência na FC, a expressão de culturas periféricas o centro dominante a apropriação deste de novos paradigmas para sua própria FC. Uma FC mais internacionalizada e “globalizada”. Também são divulgados os fanzines

Astaroth e *Juvenatrix*, ambos de Renato Rosatti; *Megalon*, por mim editado e o *Somnium*, do CLFC. Também está nesta edição reportagens sobre a FC na Grécia, Alemanha, Suécia e República Tcheca. Aos nossos patrícios portugueses também marcam presença na revista com a divulgação da antologia *Fronteiras*, editado por Antônio de Macedo e Maria Augusta e do fanzine *Simetria*, com edição de Antonio de Macedo.
(por Marcello Simão).

Projeto Argonauta

A Coleção Argonauta, publicada pela Editora Livros do Brasil, de Lisboa (Portugal), aproxima-se rapidamente de seu volume nº 500 - sem dúvida alguma, um marco importante na publicação de Ficção Científica e Fantasia em língua portuguesa. Este evento não poderia ficar sem um registro especial, particularmente pelo Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) - afinal, vale recordar, foi com uma publicação especificamente voltada para aquela coleção, em função de sua importância para o fã brasileiro de FC&F, que, em 1985, se fez a chamada do fandom para a proposta de criação do clube. Em breve, com a participação da comunidade luso-brasileira dedicada à FC&F será publicada uma edição comemorativa, em princípio intitulada "Argonauta 500 - Edição Comemorativa". O editor será Roberto C. Nascimento. O projeto inclui dados e informações históricas sobre a Editora Livros do Brasil e a Coleção Argonauta; depoimentos pessoais sobre o significado da Coleção Argonauta para o fã, colecionador, pesquisador, enfim, para o amante do gênero, externando sua relação particular com a coleção; ensaios e críticas voltados à coleção; ilustrações inspiradas na série; poesias, contos, crônicas, enfim o que a imaginação e sensibilidade projetarem, desde que relacionadas à coleção. O plano da obra prevê ainda, um catálogo atualizado até o volume nº 500 da coleção, divulgação de clubes e fanzines de FC&F, divulgação de livrarias e alfarrabistas onde a coleção

pode ser encontrada regularmente. Trata-se de oportunidade única de se contribuir para o registro de fatos e comentários correlatos para a história do gênero - nesse aspecto, tão carente de publicações em língua portuguesa, bem assim oferecer ao fandom mais um veículo para mostrar seus trabalhos, opiniões, propostas, arte e visão crítica.

Maiores informações:

Humberto Fimiani ou R. C. Nascimento - Caixa Postal 2105 - Ag. Central, São Paulo, SP, CEP: 01060-970

Vídeo

A Columbia Pictures completa 75 anos este ano e como parte das comemorações no país ela está relançando grandes filmes em cópia nova em vídeo. Quando disponível versões especiais e para colecionadores estão sendo lançadas. Acabei de comprar a versão para colecionadores de "Contatos Imediatos do Terceiro Grau" mas não o assisti ainda. As fitas estão sendo vendidas em sell-thru. No folheto da 2001 que recebi consta por R\$16,90 cada fita mais o sedex. Já o "Contatos..." paguei R\$18,00 na minha locadora de confiança. As fitas carregam a logomarca do aniversário da Columbia aumentando na minha opinião o charme das mesmas. Parece também que com essa coleção em sell-thru a Columbia vai lançar o que ela lançou ano passado em DVD. (por José Agnelo)

RPG

FC e RPG entraram em uma espécie de "acordo", nos últimos anos, após um longo e tenebroso inverno de RPGs de terror. Nos últimos três anos surgiram pérolas no mercado como "Castle Falkenstein", uma ode ao *steampunk* com direito ainda a muita magia no melhor estilo tradicional europeu; adaptações de idéias de *animés* japonesas pela firma Dream Pod 9 pelos excelentes "Heavy Gear" e "Jovian Chronicles", onde a idéia do robo-armadura gigante é enfocada de duas maneiras similares, porém com características próprias. Um futuro sombrio para uma humanidade decadente em uma nova era medieval está

em "Fading Suns", onde tecnologia é um luxo quando não objeto de temor; e monarquia, igrejas e guildas comerciais lutam pelo poder planeta após planeta. As séries *Babylon 5* e *Star Trek* também ganham as suas adaptações de universo, sendo que o primeiro foi a maior decepção dos últimos tempos e o segundo ganhou uma nova ótima adaptação. A White-Wolf, uma das gigantes do mercado lançou "Trinity", com ênfase em poderes psiônicos, e a velha TSR entrou com um elogiado "Alternity"... GURPs também vêm com suas adaptações. No passado, a série de E. E. "Doc" Smith, "Lensman"; e o mundo de "Uplift" e de David Brin ganharam suas respectivas adaptações, e recentemente "Discworld" virou módulo, tendo um bom reconhecimento. No Brasil, "Millenium" foi lançado há poucos anos atrás, e até onde vi é uma coleção de clichês também... (por Felipe)

Animação

Desenhos Japoneses de FC - *LoGH Legend of Galactic Heroes* ou *Ginga Eiyu Densetsu* é um anime japonês baseado na série de novelas de ficção científica de Yoshiki Tanaka, publicadas por Tokuma Shoten desde 1982. O total de livros lançados foi de 15 volumes. A partir de 1988 começaram a ser produzidos os desenhos: dois longas, um média metragem para OVA (Original Video Animation), uma série de OVA com 110 capítulos, bem como mangás. O piloto da série foi lançado em 1988: "My Conquest is the Sea of Stars" neste, Alexandre e César, das Vidas Paralelas de Plutarco, aparecem em um fantástico desenho que faz lembrar as melhores partes de *Patrulha Estelar*, *Macross*, *Gundan* e *Capitão Harlock!* Pode se conseguir cópias com legendas em inglês do piloto e de episódios da primeira temporada na página do BaC <http://www.bac.simplenet.com>

"As batalhas são tudo aquilo que os fãs sonham ver: combates monstruosos envolvendo frotas com milhares de naves... estratégia, coisa rara de se ver nos filmes de hoje (elementos como a atmosfera e gravidade plane-

tárias, cinturões de asteróides, ventos solares e até mesmo buracos negros são levados em conta para definir o rumo de uma batalha). O jogo político é complexo e causa mais estragos que as bombas nucleares... naves espaciais bem boladas evoluindo ao som de música clássica... quando esse desenho estrear fora do Japão fará muito trekker largar a batina! Fãs de *Star Wars*, vocês, ainda não viram nada!” (por Sérgio Peixoto, *Revista Animax*). Em 1989 foi lançada a série com um total de 110 episódios conhecidos até o momento. A humanidade se expande pela galáxia... a Terra perde a sua ascendência e é abandonada à própria sorte, com um contingente populacional drasticamente reduzido e reservas naturais exauridas. Em 2801, no planeta Theoria, sistema Aldebaran, um novo governo é criado: o USG (United Space Government ou Governo Unificado Espacial - GUE). Para celebrar um período de grandes mudanças, um novo calendário é estabelecido: o Ano Espacial 1. Contudo, a chamada “Idade de Ouro” da expansão humana estava fadada a terminar em fragmentação da ordem pela invasão/saque dos “piratas” da galáxia. A tecnologia do voo interestelar que havia favorecido a dispersão da humanidade pela Via Láctea, era um grande obstáculo para um controle efetivo das vastas fronteiras pelas autoridades. A pirataria espacial, um empreendimento lucrativo, atingiu tais dimensões que ameaça sufocar a florescente Sociedade Galáctica. Ao mesmo tempo a corrupção cresce nas altas esferas e aumenta o descontentamento popular... A civilização da USG degenera quando a anarquia e o caos passam a imperar nas principais metrópoles. A causa da salvação pública recai nas novas lideranças.

No Ano Espacial de 296 surge Rudolf von Goldenbaum, o herói do USG, que derrota os piratas, vindo a se tornar posteriormente (310 A.E.) o fundador e primeiro imperador do então recém-criado Império Galáctico (Das Reich) com sede no planeta Odin. Introduce-se o Calendário Imperial e proclama-se a lei marcial. O alemão é

instituído como língua oficial do Império que inicia um processo de “moralização dos costumes” acompanhado de seleção e depuração genética da humanidade em um regime “aristocrático” de classes e ofícios. As rebeliões e protestos são rapidamente abafados pela instauração da “Nova Ordem”.

Em Altair-7 (planeta-prisão e mina de trabalhos forçados), 164 anos mais tarde, Ale Heinessen, sonha com o renascimento da época áurea do GUE. Heinessen reúne seus seguidores e constrói uma gigantesca nave de gelo, a Ion Fazekath, que mantém oculta até a hora do lançamento! Ele foge da “tirania” da Dinastia Goldenbaum, escapando a bordo da Ion Fazekath com 40.000 pessoas para longe dos domínios do Império. Cinquenta anos depois, os 16.000 sobreviventes (Ale Heinessen entre os mortos) encontram e colonizam o mundo, agora conhecido como Heinessen e criam a Aliança dos Planetas Livres (Free Planet Alliance), restaurando o governo democrático e o velho calendário do Ano Espacial. Segue-se um período de expansão colonizadora por território virgem no centro da galáxia. No Ano Espacial 640 (Ano Imperial 331) acontece o inevitável, o Império Galáctico encontra a Aliança dos Planetas Livres. A Aliança ganha a primeira batalha: muitos soldados e súditos do Império passaram para o lado da Aliança... A partir daí inicia-se uma interminável guerra de atrito contra os “rebeldes”, que perdura por cerca de 150 anos, sendo que nenhum dos dois “poderes” segura a vantagem por muito tempo.

O Império Galáctico constrói a “inexpugnável” Fortaleza Iserlohn no Corredor de navegação” (espaço navegável) entre as duas potências, para “fechar” as rotas de acesso ao Império. Iserlohn Fortress vai se tornar um dos principais alvos de ataque da Aliança “Rebelde” dos Planetas Livres. Revestida de metal líquido e escudos energéticos, com capacidade para alojar e manter uma frota de 10.000 naves, reabastecendo simultaneamente 400 belonaves em combate, a principal arma da auto-suficiente e orgulho-

sa fortaleza é o Martelo de Thor (Thor’s Hammer): libera raios de energia com poder altamente destrutivo num grande raio de ação. Em posição estratégica de interceptação das rotas comerciais, fechando o outro corredor navegável, está o feudo semi-independente de “Phezzan Land” (uma cidade-estado criada por colonos da Terra sob a autoridade do mercenário landesherr Adrian Rubinsky), um território/domínio oficialmente neutro, refúgio de expatriados, ponto de encontro das facções em conflito, que observa a guerra de longe, fornecendo armas, tecnologia e facilidades aos lados pagantes.

No Ano Espacial 795 (Ano Imperial 486), surgem dois homens que mudarão o destino da guerra: Rheinhardt von Museal, Conde de Lohengramm, e Yang Wen-Li. Rheinhardt von Lohengramm pode ser descrito como um homem inteligente, excelente político, belo e frio, dificilmente exhibe seus reais sentimentos, a não ser para com sua irmã e seu melhor amigo Kirkeiss. Nasceu de uma linhagem nobre, da pequena nobreza empobrecida do Império Galáctico. Sua mãe morreu salvando as vidas dele e de sua irmã Annerose von Grünwald. Annerose toma o lugar da mãe e cuida do “pequeno irmão”. Ainda garoto ele conhece Siegfried Kirkeiss e celebra um pacto de amizade com aquele que vai ser o seu amigo inseparável e braço direito. Neste período, o pai de Rheinhardt, Sebastian von Museal, se endivida no jogo envolvendo-se com o imperador (O 36º Kaiser Goldenbaum Friedrich IV). Sem ter como pagar tal dívida, Sebastian, é obrigado a vender sua própria filha Annerose, que estava com dezesseis anos e vai se tornar concubina imperial. Revoltado, Rheinhardt, aos doze anos, jura que um dia libertará a irmã das mãos do Imperador e destruirá todo o orgulho da aristocracia. Assim ele e Siegfried, que sempre nutriu um amor secreto por Annerose, se unem e entram para o Exército Imperial na “Reichsflotte”, era o início da escalada de Reinhardt rumo ao único posto que almejava:

Imperador. Em meio a esta caminhada ele encontra vários inimigos, principalmente dentro do Império, contudo ele poderá contar com aliados que fez, entre eles a única capaz de afrontar suas ordens e diverti-lo, Hildegard Mariendorf, isto ainda vai dar em casamento... Reinhard consegue o que almejava desde criança, recuperar a irmã e por fim a uma guerra de mais de 150 anos, contudo tudo isso terá um preço muito alto para ele... Yang Wen-Li ao contrário é um homem tranquilo, sensato, excelente estrategista, um soldado, seu único desejo é que a guerra termine, pois ambos os lados estão sendo destruídos pelas lutas constantes. Uma característica peculiar de Yang, além de seu jeito engraçado, é que ele sempre está com uma xícara de chá misturada com brandy, não se sabe o que esta mistura pode gerar, mas com certeza Yang é o único capaz de confrontar Reinhard num campo de batalha... Yang é filho de um mercador, Yang Tai-Long, que logo vem a morrer na miséria, “quebrado” por uma especulação financeira em uma das periódicas depressões da República... Yang “decide” entrar para a Frota da Aliança dos Planetas Livres (Free Planets Star Fleet), para pagar as dívidas de sua educação financiada pelo Estado. Interrompeu sua carreira acadêmica pela força das circunstâncias... Em sua trajetória, Wen-Li se torna herói: numa retirada espetacular do planeta “EL Facile”, ele salva milhares de civis, entre eles a sua futura ajudante de ordens e possível “noiva” Frederica Greenhill. Por causa deste feito passa a ser conhecido como “herói de El Facile”. Outra conquista é a tomada da poderosa Fortaleza Iserlohn e por isso o chamam de Mago (Miracle Young). Ao longo do tempo ele tenta convencer a Aliança dos Planetas Livres a por fim a inútil guerra, mas a única coisa que a Aliança fez foi provocar sua própria derrota. Yang também adotou, na verdade fizeram-no adotar, um jovem adolescente, órfão de guerra, como pupilo, Julian Minci. O que mais dizer sobre os dois heróis? Que existe um grande respeito e admiração entre Reinhard e Yang e tal-

vez por isso o fantástico confronto sem vencedores entre os dois (Yang vence taticamente e Reinhard politicamente) acabe em uma xícara de chá na nave-capitânea Brünhild de Reinhard. O encontro entre Yang e Reinhard, com direito a xícara de chá com brandywine.

Este resumo compreende os capítulos 1 ao 34, o que vem depois ainda não é certo, mas sabe-se que Reinhard criará uma nova dinastia Lohengramm, cujo símbolo é um leão dourado, quanto a Yang parece que ele ainda fica no “controle” de Iserlohn, mas o mais importante, seus ideais de paz e liberdade permanecerão contra tudo e todos. Ainda acontecerão muitos conflitos em nome do poder... Mas ambos serão responsáveis pelos ventos da mudança e terão seus nomes conhecidos e lembrados na lenda, Lenda dos Heróis da Galáxia...

Sites com o roteiro, trilha sonora videos da série:

[<http://www.nwlink.com/~logh/mmmenu.htm>];

[<http://www.utexas.edu/ftp/student/anime/utanime/amos/.LGH/logh.html>];

[<http://alberti.crs4.it/~viki/eroigalattici.text.html>]

(por Fábio Silveira Lazzari).

Concurso Nautilus

Seguindo o exemplo da *Isaac Asimov Magazine* e do Clube Antares, o Intrepid e a Sociedade Brasileira de Arte Fantástica (SBAF) realizaram o Primeiro Concurso Nautilus de Contos e Noveletas. Entre os objetivos do empreendimento estavam a descoberta de novos talentos no fandom e uma tentativa atrair novos fãs ao nosso meio. Em três meses, para surpresa geral, a organização recebeu 37 trabalhos - entre contos e ilustrações - de autores de todas as partes do Brasil e até uma participação lusitana.

Os trabalhos foram separados em quatro categorias. Foram elas: Noveleta, Conto de FC geral, Conto Sci-Fi - que aglomerou trabalhos inspirados em filmes, séries de TV e *space operas* - e Ilustração. O Concurso Nautilus abriu espaço para os textos de fãs e de es-

critores não profissionais e eles apareceram. A maior parte das histórias foi escrita por gente desconhecida do fandom de FBC, alguns até que nem sabiam da existência do Clube dos Leitores de Ficção Científica (CLFC) ou de fanzines como o *Megalon*, *Somnium* e *Hiperespaço*.

Sem dúvida nenhuma, o grande destaque entre os vencedores ficou por conta do carioca, até então desconhecido por membros de São Paulo e por alguns do Rio de Janeiro, Daniel Alvarez. Ele recebeu nota máxima de todos os jurados com a noveleta "A Filha do Predador" (que será publicada a partir da próxima edição do *Intrepid*). A história surpreendeu pela argumentação, bons diálogos e fácil leitura, pois é impossível desistir de ler embora seja deveras extensa. Um fato curioso é a extrema semelhança estilística com os textos de Gerson Lodi-Ribeiro. O primeiro prêmio confere a Daniel Alvarez uma assinatura do *Intrepid* e um exemplar de *Um Estranho Numa Terra Estranha*, de Robert Heinlein, além de publicação garantida.

Em segundo lugar temos uma história bem elaborada e madura de Octavio Aragão. "Um Museu de Velhas Novidades" é mais um dos trabalhos ambientados no universo da Intempol[®] - a polícia temporal mais interessante e atrapalhada da literatura. Aragão, que estreou profissionalmente no livro *Outras Copas Outros Mundos*, com o conto intempoliano "Eu Matei Paolo Rossi", mostra cada vez mais que esse universo pode render ótimas histórias de FC, além de renovar as temáticas utilizadas pelos autores tupiniquins. O autor recebeu o roteiro vencedor do Oscar 98, *Gênio Indomável*, de Matt Damon e Bem Afleck.

Na terceira colocação temos Miguel Carqueija, com a noveleta "A Âncora dos Argonautas". A experiência desse carioca que participa do fandom há mais de 10 anos foi fundamental para ter dois trabalhos bem classificados no Concurso Nautilus. A Âncora mescla alguns dos temas prediletos do autor: heroínas e uma pitada de terror lovecraftiano. Já o conto

"Encanamentos Flexíveis", também de Carqueija, levou o grande prêmio na categoria Conto Geral. A história transporta o leitor para uma cidade futurista, construída por brasileiros, à beira de um colapso estrutural por causa de seu sistema de água. O trabalho foi muito bem escrito e fez por merecer seus prêmios: o livro *A Maldição de Sarnath* e uma assinatura do *Megalon*.

O segundo colocado na categoria Conto Geral foi, o também carioca, Roberval dos Santos Barcellos. "Especuladores do Fim do Mundo" é um conto divertido, inteligente e crítico em certos pontos. Aproveitando o gancho dos *blockbusters Armageddon* e *Impacto Profundo*, o autor recria uma situação de ameaça global e especula qual seria a reação da humanidade à possibilidade de "mudança de planeta". Dividindo o segundo lugar também está o conto "Luz Súbita", do novato Edgard Powell. O terceiro lugar foi dividido entre o veterano Fábio Fernandes, com "África", e o português João Ventura, com o conto "Ascensão e Queda da Telenovela".

Na categoria Conto Sci-Fi o prêmio ficou para Laerte Andrade, com o conto "Despertar da Desconfiança". A história é ambientada no universo de *Star Wars* e tenta fugir um pouco ao uso recorrente dos heróis mais conhecidos - Luke Skywalker e Han Solo -, pois traz uma idéia diferente que envolve clonagem, ciúmes e alguns fatos 'históricos' da Saga de George Lucas. Como prêmio Andrade recebeu uma assinatura do fanzine *Hiperespaço*. O segundo colocado na categoria foi o carioca Rogério Amaral de Vasconcellos com a noveleta "O Cálice Sagrado", que foi inspirada no audaz Perry Rhodan.

O modelista, fã de *Star Wars* e colunista do *Intrepid*, Eduardo Canha, ficou com os dois primeiros lugares entre os ilustradores. A ilustração "Tatooine" retrata mescla a *Millenium Falcon*, um caça X-Wing e o palácio de Jabba. O grande diferencial é que o desenho foi feito à caneta e sem nenhuma referência física, ou seja, apenas com as lembranças do autor a res-

peito dos elementos. Uma sátira de *Star Wars* ao filme *Godzilla* levou o segundo posto. Ambos os desenhos serão publicados em edições futuras do *Intrepid*. A segunda edição do concurso será lançada em junho, na reunião do CLFC (último sábado do mês). O regulamento será divulgado pela página do *Intrepid* [<http://www.geocities.com/area51/capsule/8647>], e nos fanzines impressos: *Somnium*, *Intrepid*, *Megalon* e *Hiperespaço*. (por Fábio Barreto)

Lista dos Vencedores

Noveleta

- 1- A Filha do Predador, Daniel Alvarez
- 2 - Um Museu de Velhas Novidades, Octavio Aragão
- 3 - A Âncora dos Argonautas, Miguel Carqueija

Conto

- 1 - Encanamentos Flexíveis, Miguel Carqueija
- 2 - Especuladores do Fim do Mundo, Roberval dos Santos Barcellos Luz Súbita, Edgard Powell
- 3 - África, Fábio Fernandes Ascensão e Queda da Telenovela, João Ventura (Portugal)

Sci-fi

- 1 - O Despertar da Desconfiança, Laerte Andrade
- 2 - O Cálice Estelar, Rogério do Amaral Vasconcellos
- 3 - Herói de Guerra, Eduardo Canha

Ilustrações

- 1 - Tatooine, Eduardo Canha Star Wars
- 2 - Tamanho é Documento, Canha Star Wars/Godzilla
- 3 - O Padre - Anatomia de um Alien, por Rogério do Amaral

Amazon Books

Bestsellers de FC

[<http://www.amazon.com>]
títulos em inglês

1. Star Wars : Episode 1 the Phantom Menace - Terry Brooks; 1999
2. Soul of the Fire - Terry Goodkind; 1999
3. Cryptonomicon - Neal Stephenson; 1999
4. X-Wing : Isard's Revenge (Star Wars) - Michael A. Stackpole; 1999

5. Dark Victory (Star Trek) - William Shatner, Francis R. Gemme; 1999
6. Snow Crash - Neal Stephenson; 1993
7. J.R.R. Tolkien : The Hobbit and the Complete Lord of the Rings, the Fellowship of the Ring, the Two Towers, the Return of the King (Box) - J. R. R. Tolkien; 1991 -
8. Neuromancer - William Gibson; 1995
9. Foundation's Triumph (Segundo livro da Trilogia) - David Brin; 1999
10. A Clash of Kings: A Song of Ice and Fire, No. 2 - George R. R. Martin; 1999
11. Shards of a Broken Crown (Feist, Raymond E. Serpentwar Saga, V. 4.) - Raymond E. Feist; 1999
12. The Sparrow - Mary Doria Russell, Mary Doria Russell; 1997
13. The Star Wars Encyclopedia - Stephen J. Sansweet, Timothy Zahn (Introduction); 1998
14. Mad Ship : The Liveship Traders (Hobb, Robin. Liveship Traders, Bk. 2.) Robin Hobb; 1999
15. Princess Bride : S. Morgenstern's Classic Tale of True Love and High Adventure - William Goldman; 1990
16. The Path of Daggers (Wheel of Time/Robert Jordan, Bk 8) Robert Jordan; 1998
17. Solo Command (Star Wars X-Wing Series , Nº 7) Aaron Allston; 1999
18. Singer from the Sea - Sheri S. Tepper; 1999
19. Against the Tide of Years - S. M. Sterling, S. M. Stirling; 1999
20. To Say Nothing of the Dog - Connie Willis; 1998

Gostaria de agradecer a todos que enviaram ou disponibilizaram material para ser publicado, em especial ao Site Parada [<http://www.parada.com.br>].

Atenção:

O *Somnium* é o fanzine oficial do CLFC, feito por associados do CLFC e fãs de FC e afins para os associados do CLFC. Participe você também enviando notícias diversas [asimon@uol.com.br], ilustrações [cerito@mandic.com.br], contos, artigos e resenhas [msbranco@uol.com.br].

Depósitos de água e evaporação lunar

por Gerson Lodi-Ribeiro

No início da década de 1990, uma equipe de cientistas da NASA conseguiu convencer o Departamento de Defesa dos EUA a financiar o lançamento de um satélite científico para explorar a Lua com o argumento de que o objetivo principal da missão não-tripulada era testar novos sensores que seriam mais tarde utilizados no Projeto SDI (Iniciativa de Defesa Estratégica — *Strategic Defense Initiative* em inglês), então a menina dos olhos do Pentágono. Graças a essa manobra desviacionista, a sonda “militar” *Clementine* foi lançada em janeiro de 1994 e a Lua teve suas latitudes mais elevadas enfim mapeadas, quase vinte e dois anos após o regresso da Apollo 17, a última missão tripulada a nosso satélite.

Percorrendo uma órbita polar ao redor de nosso satélite, a *Clementine* acabou efetuando uma descoberta ainda mais crucial do que o mapeamento e a coleta de dados mineralógicos que seus idealizadores haviam planejado. Em novembro de 1996, quase três anos após o lançamento da sonda, a NASA finalmente divulgava que *Clementine* havia detectado a presença de água no pólo sul da Lua através de emissões de radar!

Contudo, observações posteriores utilizando o radiotelescópio de Arecibo indicaram que, no que dizia respeito à presença de depósitos lunares de água, os dados da *Clementine* não foram conclusivos. Lembro-me que na época o assunto até causou um certo frisson na lista de discussão que o Clube de Leitores de Ficção Científica mantém na Internet. Mas em poucas semanas, algo decepcionados com a falta de confirmação, acabamos esquecendo o assunto.

Felizmente, a possibilidade da presença de jazidas de água na Lua era importante demais para que a NASA também esquecesse o assunto. Assim, em janeiro de 1998, uma outra sonda, melhor equipada que a *Clementine*, foi

lançada com o objetivo precípuo de determinar a existência de água nas regiões polares da Lua.

A missão *Lunar Prospector*

Em 5 de março de 1998, a NASA divulgou que os dados transmitidos pela sonda *Lunar Prospector* confirmaram a presença de água tanto no pólo sul quanto no pólo norte lunar, em concordância, portanto, com os resultados das observações da *Clementine* para o pólo sul.

Observações iniciais da *Lunar Prospector* pareciam indicar que o gelo aquoso detectado encontrava-se misturado em concentrações muito baixas com o *regolito*¹ lunar abundante no local. Contudo, uma análise posterior mais acurada indicou a presença de depósitos de gelo aquoso quase que em estado puro, soterrados sob uma camada de *regolito* com cerca de 40 cm de espessura. As jazidas de água do pólo norte parecem um pouco maiores que as do pólo sul. Ambas as jazidas estão concentradas em áreas bem definidas, com cerca de 2.000 Km² de superfície cada uma. O volume total de água existente nas duas jazidas é estimado por baixo em cerca de 6 Km³... Seis quilômetros cúbicos de água em plena Lua!

Como pode haver água na Lua?

Em princípio não deveria haver água na Lua.

Num corpo desprovido de atmosfera tão distante do Sol quanto a Terra, as temperaturas diurnas atingem 130 °C. Portanto, durante o longo dia lunar, a água só pode existir sob forma gasosa. Como todo leitor de FC está cansado de saber, devido à pequena massa da Lua, a gravitação do satélite é apenas 1/6 da reinante na superfície terrestre. Nesse campo gravitacional pouco intenso, qualquer gás por ventura existente junto à su-

perfície se evolaria rapidamente para o espaço.

Mas, é claro, se existissem pontos da superfície lunar jamais alcançados pelo calor e a luz do Sol, sem uma atmosfera para distribuir o calor, quando se passa da luz para sombra a temperatura cai abruptamente a 129 °C negativos, e a água pode existir sob forma sólida. Existem de fato regiões lunares imersas em trevas eternas, permanentemente à sombra da radiação solar. Essas regiões são os interiores de crateras profundas localizadas nas altas latitudes lunares, onde o Sol jamais atinge o zênite e seus raios, portanto, nunca iluminam as áreas internas de sombra, protegidas pelos contrafortes externos dessas crateras.

A hipótese de que poderia existir gelo aquoso em regiões lunares de altas latitudes mantidas áreas de sombra eterna não é exatamente uma novidade. A idéia foi proposta pela primeira vez em 1961 pelo astrônomo norte-americano Bruce Murray num artigo publicado no *Journal of Geophysical Research*. Assim, as observações da *Clementine* e da *Lunar Prospector* simplesmente confirmaram uma hipótese científica otimista, proposta quase uma década antes dos primeiros humanos caminharem nos solos poeirentos de nosso satélite.

Métodos de detecção do gelo lunar

Ao contrário da *Clementine*, que determinou a existência de água lunar através da emissão de feixes de radar (cujos ecos foram captados e interpretados na Terra), a sonda *Lunar Prospector* dispõe de um *espectrômetro de nêutrons*, um sensor capaz de medir a quantidade de nêutrons *lentos*, gerados nas colisões de nêutrons normais (rápidos) com átomos de hidrogênio. Como o hidrogênio permanece sempre sob forma gasosa em qualquer parte do amplo gradiente de temperaturas existente ao longo do dia e da

noite lunares, sua presença no interior de uma cratera localizada numa latitude elevada significaria que esse elemento está associado ao oxigênio sob a forma de depósitos de gelo aquoso.

O espectrômetro de nêutrons a bordo da *Lunar Prospector* é capaz de detectar a presença de gelo aquoso na superfície lunar em concentrações inferiores a 0,01%. Os dados levantados pela sonda mostraram uma concentração de 4,6% no pólo norte lunar e de 3,0% no pólo sul. O instrumento é capaz de detectar água até uma profundidade aproximada de meio metro.

Origem do gelo lunar

A superfície lunar é bombardeada continuamente por cometas, meteoritos e micrometeoritos. Muitos desses objetos, se não a maioria, contém gelo aquoso. As dimensões das crateras lunares demonstram que alguns desses objetos eram muito grandes. Sabe-se que a quantidade de objetos massivos no Sistema Solar Interior foi muito maior no passado remoto, nos primórdios do Sistema Solar, quando o espaço interplanetário estava ainda repleto dos resíduos da formação dos planetas. Resíduos esses que variavam em tamanho, de meros grãos de poeira às dimensões de um asteroide.

No caso da colisão de um corpo desse tipo com a Lua, o gelo que sobrevivesse ao impacto sob forma sólida iria espalhar-se de forma mais ou menos homogênea sobre a superfície do satélite. A maior parte do gelo seria rapidamente vaporizada pela luz solar e escaparia à fraca gravitação lunar. Mas um pouco desse gelo iria parar no interior de crateras profundas em latitudes elevadas. Uma vez dentro da cratera, o gelo permaneceria estável e com o tempo, ao longo dos bilhões de anos, seria parcialmente coberto por poeira de origem meteorítica.

Importância da presença de água na Lua

O gelo lunar capturado no interior das crateras polares é uma amostra relativamente intocada do mesmo ma-

terial cometário ou asteroidal que existia no Sistema Solar há bilhões de anos. Uma sonda robotizada, ou mesmo uma missão tripulada, poderia coletar amostras desse gelo e trazê-las de volta à Terra para análise. O estudo do gelo lunar servirá para refinar os modelos de ocorrência de fenômenos associados aos impactos de meteoritos em mundos sem atmosfera e a própria teoria da formação de lençóis de poeira meteorítica.

Além desses aspectos científicos per si instigantes, os depósitos de gelo lunares abrem uma nova perspectiva em termos de exploração da Lua por missões tripuladas, visto que não há outra fonte de água no satélite e levar água da Terra em larga escala é proibitivamente caro (algo entre US\$ 2,000 e \$ 20,000 por quilograma).

A água lunar também poderia servir como fonte de oxigênio, outra substância vital que não é encontrada na Lua em estado puro, e de hidrogênio, que poderia ser utilizado como combustível para os veículos de carga e tripulados.

A presença de jazidas consideráveis de gelo aquoso sob os regolitos acumulados no fundo das crateras lunares é provavelmente a descoberta que produzirá maior impacto a longo prazo nos projetos de exploração e colonização da Lua.

Prioridade: Lua ou Marte?

Diante do recente *boom* exploratório ao qual temos submetido o Planeta Vermelho nos últimos tempos, fica aqui uma questão à guisa de fecho do artigo: Vale mesmo à pena dedicar tanta atenção e recursos à possibilidade de mandar seres humanos até Marte, estando a Lua tão mais próxima?

Além do custo gigantesco de enviar uma missão tripulada a Marte com a tecnologia que hoje dispomos, há uma questão ainda mais premente: porque devemos ir pessoalmente lá se nossas sondas automáticas podem efetuar um serviço quase tão bom por uma fração diminuta dos riscos e custos de uma missão tripulada?

Ao invés disso, porque não inves-

tir esses mesmos recursos na exploração científica e comercial da Lua?

Uma viagem para a Lua é curta o suficiente para que não precisemos nos preocupar com sistemas elaborados de proteção contra os efeitos da radiação ionizante sobre o organismo humano. Uma vez na superfície lunar, estaríamos seguros no interior de nossos abrigos subterrâneos. Disporíamos de energia fotovoltaica em abundância e a custos reduzidos; extrairíamos água, oxigênio e combustível (hidrogênio) das jazidas de gelo das crateras polares; disporíamos de comunicações praticamente instantâneas com a Terra e da vantagem insuperável de estarmos a uma distância diminuta e constante da Terra (coisa que não ocorre com relação a Marte).

O estabelecimento de uma base científica permanente na Lua propiciaria a construção de telescópios ópticos realmente gigantescos no interior de crateras do Lado Oculto. Do ponto de vista comercial, poderíamos extrair hélio-3, um isótopo raro muito mais abundante na Lua do que na Terra.

A relativa proximidade da Terra tornaria o rodízio das tripulações e a manutenção de equipamentos uma tarefa fácil, além de fazer com que as viagens espaciais fossem enfim abertas à fração mais abastada da população civil em setores econômicos que vão do turismo às terapias médicas e geriátricas em ambientes de baixa gravitação.

Em busca do sonho de conquistar Marte a qualquer preço não devemos repetir as mesmas decisões políticas erradas da Conquista da Lua — quando o Projeto Apollo foi descontinuado, toda a infraestrutura industrial e de pesquisa foi desmontada. Perdeu-se assim a oportunidade de se estabelecer a presença humana permanente em nosso satélite.

Antes de nos esforçarmos para calcar aqueles solos vermelhos e arenosos tão longínquos com nossas botas estancadas de exploradores espaciais, deveríamos regressar à Lua com força total, para alavancar os fatores científicos, econômicos e psicológicos que no futuro nos permitirão chegar a

Marte e em outros mundos, e lá nos fixarmos. Pois o próprio desenvolvimento dos sistemas necessários para sair de nosso planeta e conquistar definitivamente um outro mundo (no caso, a Lua), trará em seu bojo uma nova geração de tecnologias que nos permitirá chegar até Marte de uma forma mais barata e mais segura.

Além disso, teríamos provado a nós mesmos que somos capazes de fazê-lo e que a exploração e a colonização de outros mundos é um empreendimento economicamente viável e um objetivo científico que merece ser conquistado.

Tão logo desenvolvamos as tecnologias de viajar e habitar outros mundos, poderemos aplicá-las não apenas para atingir Marte, mas para conquistá-lo de fato. Para facilitar essa conquista, deveríamos começar a pensar em construir espaçonaves na Lua e não da Terra. Naves que poderiam ser lançadas de rampas eletromagnéticas semelhantes a que Robert A. Heinlein imaginou no romance *The Moon is a Harsh Mistress* e cujas propulsões dependeriam não de motores químicos, mas de reatores de fusão, motores iônicos ou canhões de plasma, projetos que por enquanto não

foram sequer especificados de forma convincente no papel...

Saltar até Marte sem fincar nossos pés firmemente sobre os solos lunares constituiria uma grande falha de planejamento estratégico. Uma tolice maior ainda do que a de ter abandonado a exploração da Lua em primeiro lugar.

1. Regolito — Camada superficial desagregada, proveniente da ação das intempéries, que recobre a rocha propriamente dita e cuja espessura varia em geral entre alguns centímetros e dezenas de metros.

Compre, leia e colabore com os fanzines brasileiros!

- **Astaroth**: Editor: Renato Rosatti. A5, 4 páginas. Fanzine de horror distribuído gratuitamente. Artigos, contos e ilustrações. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.
- **Hiperespaço**: Editores: Cesar Silva & José Carlos Neves. Trimestral, A5, 20 páginas. O mais tradicional fanzine brasileiro de arte fantástica. Contos, artigos, ilustrações, quadrinhos, modelismo, cinema, TV, vídeo, animação. Cx. Postal 375, Santo André/SP, 09001-970
- **Hipertexto**: Editores: Carlos André Mores e Roger Trimer. Formato magazine, 50 páginas. Revista do Clube Jerônimo Monteiro de Literatura, editada pela Universidade Federal de São Carlos. Contos, artigos e poesias. R. Tiradentes, 816, Estância Suíça, São Carlos/SP, 13560-430.
- **Informativo Perry Rhodan**: Editor: Daniel dos Santos. A5, 12 a 16 páginas. Fanzine oficial do "Perry Rhodan Fã Clube do Brasil". Informação, curiosidades, artigos e contos. Rua André Marques, 209/09 Santa Maria/RS, 97010-041.
- **Intrepid**: Editor: Fábio Barreto. A4, 20 páginas, capa em cores. Dedicado ao universo de *Guerra nas Estrelas*. R. São Teodoro, 311, V. Carmozina, Itaquera, São Paulo/SP, 08290-000.
- **Juvenatrix**: Editor: Renato Rosatti. 3 a 4 edições por ano, formato ofício, 20 páginas. Fanzine de horror e FC com artigos sobre cinema e contos. R. Irmão Ivo Bernardo, 40, São Paulo/SP, 04772-070.
- **Megalon**: Editor: Marcello Simão Branco. 5 edições por ano, formato ofício, 30 a 40 páginas. O mais premiado fanzine brasileiro de ficção científica e horror. Contos, artigos, notícias, cinema e quadrinhos. Av. Clara Mantelli, 110, São Paulo/SP, 04771-180
- **Notícias... do Fim do Nada**: Editor: Ruby Felisbino

Medeiros. Trimestral, formato ofício, 30 páginas. Contos, artigos e publicação de listas de livros e autores.

R. Comendador Azevedo, 506, Porto Alegre/RS, 90220-150

- **Brief News**: Editor: Alexys B. Lemos. A4, 10 páginas, trimestral. Fanzine dedicado a resenhar as principais revistas de FC americanas. Cx. Postal 129, João Pessoa/PB, 58001-970.

- **Suplemento de Ficção Científica**: Editor: Antônio Luiz Ribeiro. A4, 6 páginas. Encarte do fanzine de quadrinhos *Formulário Contínuo*, resenhas de livros estrangeiros, comentários sobre cinema, vídeo e literatura de FC. Cx. Postal 14606, Rio de Janeiro/RJ, 22412-970.

• Fábrica de Fanzines:

Todos os fanzines da "Fábrica" são editados por Roberto de Sousa Causo. R. Aimberê, 406/103, São Paulo/SP, 05018-010.

- **Biblioteca Essencial da FCB**: série de livros em xerox A4, encadernados com capa dura, que reproduzem ensaios e monografias sobre a FC no Brasil.

- **Borduna & Feitiçaria**: A4, 16 páginas. Fanzine voltado à fantasia heróica. Contos, artigos, resenhas e ilustrações.

- **Brazuca Review**: A4, 22 páginas. Fanzine em inglês sobre FC brasileira, com artigos e contos.

- **Diário do Fandom**: Bimestral, A4, 8 páginas. Informativo sobre as novidades da ficção científica brasileira e internacional. Tem também resenhas sobre lançamentos na área de FC&F.

- **Papêra Uirandê Especial**: A4, 36 páginas. Artigos, resenhas e ensaios sobre o estado do gênero no Brasil e no Exterior.

- **Rhodaniano**: A4, 12 páginas. Fanzine sobre a série alemã de FC *Perry Rhodan*.

Como seria o Brasil se tivéssemos perdido a Batalha do Riachuelo? Ou se o Quilombo de Palmares tivesse resistido e se tornado uma nação e apoiado Nassau na colonização e criação de um Estado holandês no Nordeste? Essas são algumas das temáticas desenvolvidas por Gerson Lodi-Ribeiro, atualmente, um dos melhores escritores brasileiros de ficção científica.

Em seu novo trabalho, *Outros Brasis* (Editora Papiro, R\$ 16,00, www.papiroeditora.com.br), o autor apresenta visões diferentes e inusitadas sobre os prováveis destinos do Brasil.

Longe do esteriótipo das histórias repletas de naves estelares, alienígenas estranhos ou guerras nucleares que geram preconceito à ficção científica, o trabalho de Gerson Lodi-Ribeiro explora uma opção pouco utilizada no Brasil: as histórias alternativas. “Esse gênero é amplamente trabalhado nos Estados Unidos e Europa, mas os autores brasileiros ainda não puderam absorvê-lo”, comenta o fluminense Lodi-Ribeiro, que tem 38 anos e foi o primeiro a abordar esse tema no País.

O autor começou a ganhar destaque quando publicou a noveleta “A Ética da Traição”, em 90, na revista *Isaac Asimov Magazine*. “Um das primeiras idéias foi criar um universo alternativo na qual o Paraguai tenha vencido a guerra contra a Tríplice Aliança e, conseqüentemente, mostrar as mudanças que isso acarretou”, conta Lodi-Ribeiro. Mais tarde esse trabalho foi publicado em Portugal e França, além de ser considerado a melhor história do gênero pelos fãs e especialistas.

“Havia escrito uma história sobre a prosperidade de Palmares, mas o editor da revista francesa *Antarès*, Jean-Pierre Moumon, queria publicar um conto sobre vampiros”, conta

Lodi-Ribeiro, que já publicou *Outras Histórias...* e *O Vampiro de Nova Holanda*, ambos pela editora portuguesa Editorial Caminho.

Desse pedido nasceu Dentes Compridos, um vampiro que desmistifica toda a aura sobrenatural dos tradicionais descendentes de Drácula. “Ele é um personagem mais científico sem nenhum ponto sobrenatural ou demônio como todos estão acostumados.”

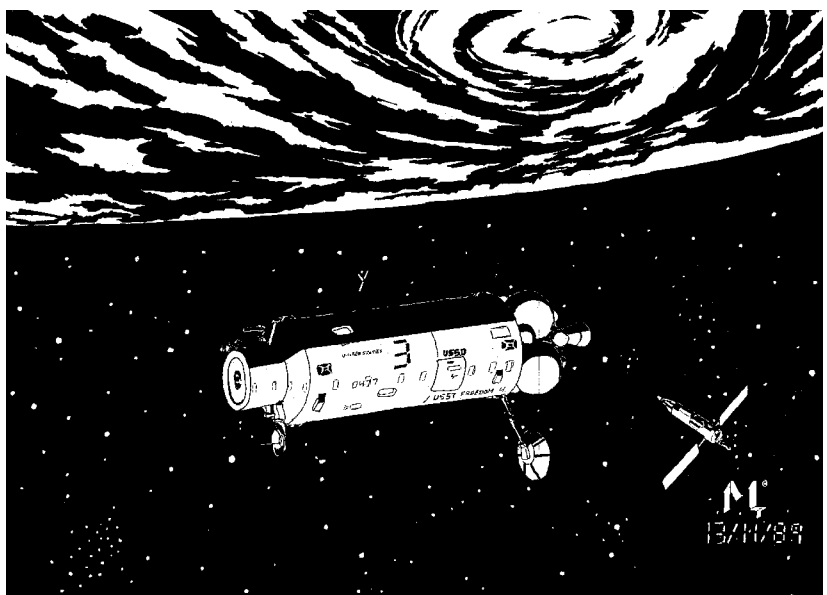
Outros Brasis é composto por cinco narrativas: “O Vampiro de Nova Holanda” e “Assessor para Assuntos Fúnebres”, este último mostra Dentes Compridos em ação na Europa, onde ele se encontra com Jack, o Estripador. “O Preço da Sanidade” explora as possibilidades caóticas que poderiam ter surgido caso Luiz Inácio Lula da Silva tivesse vencido a eleição contra Fernando Collor de Mello, em 89, e como isso nos afetaria em relações futuras e num possível encontro com aliens.

“Pátria amada - Crimes Patrióticos” e “A Ética da Traição” retomam a vertente do Paraguai vitorioso e de um Brasil que foi reduzido à região Sudeste, pois os estados do Nordeste

conseguiram a independência e outros países vizinhos abocanharam a Amazônia. “Como os leitores vêem a ficção científica com preconceito, as histórias alternativas podem ser encaradas como um ataque pelos flancos para conquistar os consumidores”, acredita Lodi-Ribeiro. “Ambas as obras tratam de assuntos sérios como o patriotismo e a lealdade que sempre necessitam de decisões difíceis.”

Para o escritor, o tema serve como motivador para promover o questionamento do patriotismo e incentivar o crescimento desse sentimento no leitor brasileiro. “Muitas pessoas reclamam de filmes como *Independence Day*, mas essas mesmas pessoas não valorizam o Brasil”, lamenta Lodi-Ribeiro. “Tive de publicar duas coletâneas em Portugal por falta de incentivo e espaço no mercado editorial brasileiro, mas isso precisa mudar.”

“Os grandes editores brasileiros acostumaram-se a lançar apenas livros de gênios como Isaac Asimov e Arthur C. Clark e não enxergam autores como Roberto Causo e Braulio Tavares”, finaliza o escritor. O livro está disponível nas versões física e virtual (apenas arquivo com o texto).



Parte I - Marcianos

Fobos cheia emprestava sua claridade cintilante à imensa geleira que se estendia até onde a vista podia alcançar. Aquilo era o mais próximo de um mar que os olhos do marciano Naskan podiam ver. Ele havia nascido e crescido no planeta vermelho, era um dos primeiros humanos nascidos em Marte. Nunca antes havia visitado a Terra, planeta dos seus pais. A colônia Polar era a única casa que conhecia.

Seus pais haviam vindo da Terra na segunda metade do século XXI, quando vários países uniram esforços com o objetivo de colonizar o planeta vermelho. O retorno econômico da exploração mineral era a justificativa para tal empreitada. Sua família havia trocado uma difícil situação financeira na Terra pela aposta na construção da colônia marciana.

A colônia havia sido construída sobre a imensa calota polar no extremo norte do planeta. A escolha do lugar havia causado imensa polêmica entre os países que compunham o consórcio. Mas, após muitas pesquisas e discussões, chegou-se à conclusão de que a água, mesmo que congelada, em abundância na calota era muito mais importante que as temperaturas mais amenas dos desertos equatoriais marcianos.

Seus pais haviam trabalhado duro para permitir que Naskan nascesse como um cidadão marciano. A qualidade de vida na colônia era a melhor do sistema solar, melhor que qualquer cidade ou país na velha Terra. Todos os meio milhão de humanos, que se diziam marcianos, tinham educação formal, empregos e uma tranqüila situação financeira. Mas a maioria deles tinha pago um alto preço por isso. Os trabalhos na construção da colônia haviam ceifado muitas vidas; ao menos metade dos marcianos tinham perdido um parente naquela época, Naskan entre eles.

Sempre que ele se pegava olhando a calota polar, como naquele momento, era invariavelmente tomado pelas lembranças do pai. Aquela imensa placa de gelo era um túmulo para seu pai e outros milhares de humanos.

Quando a construção da colônia foi iniciada, começou o recrutamento das pessoas que trabalhariam naquela tarefa. O salário era bom, e a cidadania marciana melhor ainda, mas aquela hercúlea empreitada havia cobrado seu preço em vidas.

Seu pai havia morrido quando trabalhava na fixação de um dos inúmeros pilares que suportavam a imensa plataforma sobre a qual estava a colônia, coberta pela cúpula. A fixação dos pilares era um grande desafio de engenharia, pois a calota Polar tinha vários quilômetros de espessura, e a pilastra deveria ser colocada sobre o solo marciano e não sobre o gelo, o que exigia grandes e perigosas escavações. Obviamente robôs faziam boa parte do trabalho, mas sempre havia humanos nas proximidades, e as avalanches eram uma rotina.

Ele nunca mais esqueceria da visita do funcionário do governo comunicando a morte do seu pai. Naskan já era velho o bastante para compreender a perda de uma vida. Quando o acidente aconteceu, metade da colônia já havia sido construída. Ele e sua mãe receberam uma grande indenização, que havia comprado uma excelente casa e o mandado à faculdade. Aquele infortúnio o tornou um astrônomo.

Aquela incongruência era a marca da sua vida, provavelmente havia sido o maior determinante da sua formação adulta. A felicidade profissional advinha da infelicidade como criança órfã de pai.

Naskan cresceu solitário, engajado em suas metas e objetivos. A perda de uma vida na infância havia-lhe ensinado a valorizar todas as outras. Aquilo foi o principal objetivo para o seu ingresso no projeto SETI. Localizar uma civilização extraterrestre havia se tornado sua obsessão. Ele havia dedicado boa parte da sua vida a monitorar radiotelescópios, sempre esperando o sinal que indicaria uma civilização extraterrestre.

O imenso radiotelescópio Sagan, o maior já construído pelo homem, estendia-se por quilômetros no equador do planeta vermelho. Aquela peça de engenharia captava terabytes em sinais de rádio do espaço em um único dia. Um computador previamente programado filtrava a maioria dos sinais de acordo com padrões preestabelecidos, cabendo a Naskan e os demais astrônomos engajados no projeto analisar os sinais considerados promissores pelo computador. E não eram muitos.

O projeto SETI já havia completado um século desde o seu início. Muito havia sido aprendido, muitos tipos de estrelas já haviam sido descartadas, mesmo estrelas que pareciam promissoras no princípio haviam se mostrado um fracasso. A maioria dos críticos do SETI já assumiam que a vida inteligente, ao menos inteligente o suficiente para formar uma civilização, era uma doença extremamente rara, da qual apenas a Terra padecia nas proximidades do sistema solar. Este conhecimento adquirido tornava o software que filtrava os sinais mais “inteligente” a cada dia, diminuindo cada vez mais o trabalho dos astrônomos que analisavam os sinais não descartados.

O trabalho de Naskan lembrava pouco o dos primeiros radioastrônomos da Terra, pouco mais de um século atrás. Ele nem mesmo encontrava-se nas proximidades do radiotelescópio, no equador do planeta; ficava a milhares de quilômetros de distância, na colônia, no pólo norte do planeta. Seu trabalho era basicamente determinar qual a seqüência de estrelas que seriam analisadas; ele passava boa parte das horas com outro astrônomo discutindo quais estrelas poderiam ser mais promissoras.

Naquele momento, seu jovem aluno, e muito promissor na opinião de Naskan, Partier, indicava ao computador as próximas estrelas que seriam “ouvidas”, fruto das últimas duas horas do trabalho de ambos.

Mesmo antes de Partier terminar de entrar todos os dados, as primeiras estrelas já estavam sendo analisadas. Assim que ele terminou, algo inesperado chamou-lhe a atenção.

O software estava “confuso”, ele havia localizado um sinal que não podia ser produzido por nenhum fenômeno natural conhecido, mas era proveniente de um pulsar, uma estrela que emitia sinais de rádio, onde não havia possibilidade de existirem planetas habitáveis, de acordo com uma das suas premissas básicas.

Em situações como esta, a informação deveria ser passada aos operadores.

Partier estava excitadíssimo, aquele sinal não era extraterrestre, não podia haver vida orbitando um pulsar, mas era um fenômeno desconhecido, o que podia vir a mostrar-se uma descoberta de grande importância.

Quando confirmou o sinal pela segunda vez, chamou Naskan:

- Professor, temos um sinal de rádio desconhecido, proveniente de um pulsar.

A primeira parte da frase arrancou Naskan tão violentamente das suas divagações, quanto a segunda esmaeceu sua empolgação.

- Um pulsar?

- Sim, o PSR-2765. Captamos um sinal de rádio extremamente inusitado.

Naskan aproximou-se do seu aluno, perguntando enquanto sentava-se:

- Quantas vezes ele se repetiu?

- Três vezes, durou quase meia hora.

- Peça que o software procure por algum padrão na mensagem.

- Uma mensagem proveniente de um pulsar? Não pode haver vida em um planeta que orbite um pulsar.

- Exatamente por isso, um pulsar não deveria enviar um sinal como este.

Partier executou a ordem, sem tirar do rosto a expressão de quem faz algo desnecessário:

- Isto deve ser um novo tipo de pulsar, ou algum outro fenômeno desconhecido...

Quando o computador concluiu a análise do sinal, uma nova era se iniciava para a história humana.

Parte II - O Elo Perdido

O senhor J. Rooter não possuía nenhuma noção de escrúpulos. E também não estava nem um pouco interessado em adquiri-las.

Considerava isto, inclusive, uma importante vantagem competitiva.

Desde que Nietzsche havia definido o conceito do super-homem acima da moral dos fracos, muitos homens haviam encontrado justificativa para seus atos, entre os quais estava J. Rooter.

Ele era um comerciante nato, herdeiro de uma poderosa rede de indústrias e político desde muito novo. Estava longe do estereótipo do “político por profissão”, passava a imagem de um estadista, um filósofo preocupado com o bem da humanidade.

Era, ainda, um comunicador extremamente hábil, um homem que sempre tinha uma frase de efeito à disposição.

Decidiu vender seu império industrial como quem decide que prato jantar e, antes que o mundo percebesse, já estava manipulando sua imensa cadeia de influências para conseguir uma autorização governamental que lhe permitisse comprar naves espaciais.

As primeiras expedições tripuladas a Marte estavam começando, e todos os países que faziam parte do consórcio que viria a colonizar o planeta vermelho estavam produzindo, ou simplesmente comprando, as naves que viriam a fazer a longa viagem.

Para facilitar o controle da ONU, cada um dos países participantes tinha recebido autorização do Conselho de Segurança para utilizar uma determinada quantidade de naves sob sua bandeira, cabendo às maiores potências econômicas uma maior quantidade de naves, e, em conseqüência, uma maior capacidade de transporte dos minérios que seriam explorados naquele planeta.

J. Rooter não chegou a ter grandes dificuldades para obter as naves. Ativou sua cadeia de “amigos” em alguns países semi-desenvolvidos, subornou alguns, cobrou favores a outros, e, em questão de meses, possuía uma frota de naves maior do que a dos menores países do consórcio.

A grande jogada veio em seguida.

Rooter, utilizando-se da sua extensa cadeia de rádio e televisão, produziu uma propaganda em todas as línguas

faladas no planeta e também em um código binário criado por ele próprio. Ele codificou todos os caracteres das diversas linguagens utilizadas nas mensagens em números, números estes formados por combinações dos números um e zero. Era algo aproximado à forma como os computadores trabalham com letras e números.

Neste anúncio, comunicava para todas as pessoas do planeta e também para possíveis extraterrestres - esta era a alegada necessidade da mensagem em código binário - que estava surgindo a primeira agência de turismo interplanetária do Sistema Solar.

O porquê dos extraterrestres entenderem a mensagem binária não foi dito, assim como não foi levado a sério.

A agência Solar, nome escolhido pelo próprio Rooter, oferecia cruzeiros pelo Sistema Solar interior e viagens para Marte.

A propaganda foi divulgada vezes seguidas, explicando todas as incontáveis vantagens daquelas viagens, convidando os extraterrestres a conhecerem o sistema solar, dando a opinião de físicos e engenheiros sobre a segurança da viagem, e de astrônomos, de origem duvidosa, sobre a utilidade de convidar extraterrestres para o Sistema Solar.

A agência Solar, obviamente, nunca teve um cliente extraterrestre. Mas foi considerada o maior sucesso empresarial da humanidade até aquela época.

Rooter tornou-se um deus nas áreas de administração e propaganda, escreveu inúmeros livros sobre estes assuntos, foi paraninfo de inúmeras formaturas universitárias e, quando morreu, deixou uma fortuna exponencialmente maior do que a que tinha herdado.

Parte III - A Vida Como Conhecemos...

A noite era absurdamente escura para aqueles seres. O universo era um mar negro, com apenas algumas poucas estrelas visíveis.

Um deles, eles não associavam nomes a indivíduos, observava pacientemente o infinito. Era a sua função acompanhar o cosmos, buscando sinais de uma civilização como a deles.

Este trabalho era sempre feito durante a noite, pois a estrela que aquele planeta orbitava ofuscava qualquer observação diurna.

Eles chamavam sua estrela de Fonte. Era um nome bastante próximo de um sentimento religioso, apesar deles desconhecerem este conceito. A Fonte era o motivo da vida naquele planeta, o motivo da sua existência e única possibilidade de sobrevivência. Além de ser extremamente rara. Não havia muitas estrelas visíveis na noite.

Naquela noite surgiu uma nova fonte de luz. Muito, muito tênue, quase imperceptível. Mas aqueles seres não deixaram de percebê-la.

O descobridor rapidamente comunicou aos outros sua descoberta, e vários seres passaram a acompanhá-la, ansiosos. Era mais uma possibilidade de vida inteligente, como eles.

Acompanharam as emissões luminosas da nova fonte por vários dias, até que puderam concluir, para desânimo de todos, que era mais um daqueles exóticos fenômenos: uma “luz súbita”. Batizaram-na de Luz-Súbita-17652587 e mantiveram o descobridor incumbido de observá-la até que se apagasse, como todas as outras.

As “luzes súbitas” eram um fenômeno extremamente intrigante. Elas surgiam onde antes não havia nenhuma estrela, duravam um espaço de tempo totalmente aleatório, e sumiam em seguida.

Quando a primeira delas foi descoberta, há longos anos, houve uma comoção geral. À primeira vista, aquilo pareceu uma comunicação de outra civilização, era estranho que houvesse surgido onde antes não havia uma estrela, mas chegou-se a argumentar a possibilidade de ali haver uma estrela que por algum motivo não emitisse luz, sendo aquela luz a tentativa de comunicação de seres inteligentes.

Aquela possibilidade levou a discussões infundáveis: seria possível a vida em torno de uma estrela sem luz? Poderia existir uma estrela sem luz? Como a vida se desenvolveria sem a luz?

Eles acreditavam que a luz visível era apenas uma pequena parte do espectro luminoso; assim, desenvolveram métodos para localizar a luz não visível, e aquilo deu-lhes uma grande surpresa: havia uma estrela, ou algo semelhante, que emitia luz fora da faixa visível de frequência, muito próxima ao ponto onde havia surgido repentinamente luz visível.

Aquilo, por si só, era uma descoberta fantástica. O universo continuava sendo uma imensa escuridão, mas foram localizados inúmeros objetos emissores de luz não visível na malha que o compunha.

A partir deste ponto surgiu a questão ainda mais improvável: poderia haver vida em torno de um daqueles corpos inusitados que não produziam luz?

A lógica e a ciência diziam que não.

Mas, por mais remota que fosse aquela possibilidade, valia a pena investigá-la, afinal aquela luz inesperada poderia indicar vida.

Levou-se um grande período de tempo investigando-se a primeira “luz súbita” e, quanto mais aprofundada era a pesquisa, mais confusos ficavam aqueles seres. A luz parecia transmitir algum tipo de informação, mas de forma tão

rudimentar e pouco eficiente que eles só conseguiam associá-la a fenômenos naturais aleatórios. Nenhuma civilização poderia atingir o máximo da evolução com uma comunicação como aquela: não seria possível a filosofia.

A discussão só se deu por finalizada quando alguns deles, trabalhando em conjunto, demonstraram a possibilidade lógica daqueles sinais serem gerados ao acaso por algum fenômeno desconhecido. A partir daquele momento os estranhos fenômenos das luzes súbitas continuaram intrigantes, mas foram dissociados de uma origem inteligente.

Desde então, as aparições repentinas de luz eram tratadas como aquela recém descoberta: eram analisadas por alguns dias e, assim que descobriam tratar-se de uma linguagem simples demais para permitir a filosofia, eram enquadradas como “luz súbita” e atribuídas a algum fenômeno desconhecido e aleatório.

O descobridor da Luz-Súbita-17652587 passou inúmeros anos acompanhando-a durante a noite e alimentando-se com a luz da Fonte durante o dia, quando participava de inúmeras discussões a respeito do fenômeno.

Uma determinada noite, pouco antes da Fonte nascer, o descobridor percebeu um padrão inusitado na Luz-Súbita-17652587. Só não podia perceber ainda que aquilo levaria aqueles seres a questionar mais uma vez suas conclusões sobre a vida inteligente associada àquele fenômeno.

Ao longo do dia seguinte, o descobridor seguiu uma lógica inusitada, e chegou a uma teoria arrebatadora: o padrão anormal percebido na Luz-Súbita-17652587 parecia ser a chave para a compreensão daquele fenômeno.

Aquela última mensagem aparentava trazer o mesmo conteúdo, repetido várias vezes, de várias formas diferentes, todas elas ininteligíveis. Mas havia algo inusitado: uma daquelas repetições utilizava um padrão de codificação que, mesmo não sendo entendido, era manipulável matematicamente.

Obviamente, o significado daquela mensagem era desconhecido, mas, uma vez que o padrão era manipulável, aplicando-se a ela todas as possibilidades de significado, seria simples traduzi-la, mesmo que muitas palavras permanecessem incógnitas.

Aquela mensagem tornou-se a “Pedra de Rosetta” para aquela linguagem tão diferente.

O descobridor tomou a liberdade de aplicá-la a todos os sinais anteriormente recebidos da Luz-Súbita-17652587, chegando à grande descoberta: todos eles eram passivos de entendimento quando traduzidos de acordo com o padrão da mensagem chave.

Ele reuniu-se com os outros indivíduos para expor suas conclusões, gerando longas discussões sobre o assunto.

As teorias antigas deveriam ser revistas. Concluíram que aquele sinal deveria ter origem inteligente. Mesmo sendo uma linguagem extremamente simples, mesmo não havendo estrela que gerasse luz nas proximidades, mesmo a vida sendo improvável em tal situação, de alguma forma a evolução tinha conseguido: havia a possibilidade de existir um planeta ali, com seres inteligentes que tentavam se comunicar.

Eles chegaram à seguinte conclusão: responderiam ao sinal; testariam a possibilidade de vida inteligente.

Na noite seguinte, todos os indivíduos da espécie reuniram-se e emitiram a luz com informação codificada. Enviaram primeiro o sinal que havia permitido a decifração da linguagem, seguido de uma série de informações a respeito deles próprios e perguntas sobre aquela tão estranha espécie que podia sobreviver em torno de uma estrela sem luz.

Parte IV - Vizinhos

O recém famoso Naskan ainda não estava acostumado àquela repentina popularidade. Estava nervoso enquanto esperava o auditório do Centro de Convenções da colônia calar-se.

Sentados atrás dele estavam alguns dos maiores nomes da ciência humana na atualidade, além do seu aluno, que também havia virado uma celebridade, Partier. No auditório lotado estavam representantes de quase todos os governos da Terra.

Desde que a mensagem recebida pelo radiotelescópio Sagan havia sido confirmada como de origem extraterrestre, a vida de Naskan havia se tornado um tumulto. Na verdade quase toda a humanidade havia sido tumultuada. Discussões e pesquisas envolveram todos os países.

Já haviam se passado quase dois meses desde a chegada da mensagem. E agora a equipe chefiada por Naskan apresentaria ao conselho da ONU as conclusões preliminares a que haviam chegado.

Assim que o barulho reduziu-se ao nível de um sussurro, Naskan iniciou sua explanação:

- Fomos nomeados pelos senhores há dois meses para investigar o inusitado sinal extraterrestre - neste momento o silêncio já era absoluto - e acreditamos ter chegado às conclusões iniciais.

“Nossa primeira dúvida era: aquilo era mesmo um sinal extraterrestre ou algum tipo inusitado de sinal de rádio emitido por um pulsar?”

“Um pulsar, ou estrela de nêutrons, é uma estrela em rotação acelerada que emite sinais de rádio com intervalos regulares, que variam de frações de segundos a alguns segundos. A mensagem recebida vinha das imediações de um pulsar onde sabíamos existir um planeta semelhante a Júpiter, um gigante gasoso. De acordo com nossas premissas, são duas situações inusitadas para se encontrar vida; procurávamos por estrelas semelhantes ao sol e planetas semelhantes à Terra. Como poderia ser a vida em torno de uma estrela como essas?”

“Uma estrela que não emite luz e um planeta que é um mar de gases. Isto nos parecia uma combinação muito inusitada para produzir vida. Mas fomos obrigados a considerar esta hipótese quando a mensagem foi interpretada.

“Ela trazia, primeiro, a mensagem de propaganda utilizada por J. Rooter há quase cem anos para promover sua agência de turismo espacial, e, em seguida, uma imensa mensagem que não pudemos entender a princípio. A mensagem utilizada por Rooter, como os senhores devem lembrar-se, fazia um convite para viajar por sua agência em todas as línguas faladas na Terra daquele tempo, e uma mensagem em código binário, que é a forma utilizada pelos computadores para armazenar informações. A codificação binária utilizada foi inventada pelo próprio Rooter, e era algo como um número formado por zeros e uns para cada caractere de cada um dos alfabetos da Terra.

“Depois que começamos a decifrar a mensagem surgiu a certeza de que era de origem inteligente: a segunda parte era uma infinidade de informações codificadas com o código binário de Rooter. Ficamos tão impressionados que a princípio achamos que estávamos errados, mas, quando traduzimos as informações, não houve mais dúvidas: era de origem inteligente. Nesta segunda parte havia uma série de informações sobre eles e uma série de perguntas sobre nós. Nós não conseguimos entender tudo que eles disseram, mas podemos chegar a algumas conclusões, ou melhor, suposições, baseadas no que entendemos.

“A grande diferença, e talvez a mais determinante nas nossas disparidades evolutivas, é o fato deles não enxergarem a luz visível. Acreditamos que eles são capazes de enxergar na frequência das ondas de rádio. Isto não é de todo inusitado; afinal, ondas de rádio são luz em frequência diferente. Nós podemos enxergar apenas uma pequena faixa do espectro luminoso, e eles podem enxergar uma faixa diferente da nossa.”

Esta informação voltou a despertar o murmurinho. Naskan aguardou pacientemente antes de continuar:

- Nós podemos deduzir isto, pois eles fazem uma pergunta que consideram chave: como nós podemos viver em torno de uma estrela que não produz luz? Para nós a estrela deles não produz luz, apenas ondas de rádio. Daí vem a conclusão.

“Eles chamam seu pulsar de “Fonte”, nos dando a entender em outra frase que são capazes de se alimentar das ondas de rádio emitidas pelo pulsar. Esta afirmação é bastante improvável, acreditamos que seja algum erro de comunicação. O planeta deles, que nós tomamos a liberdade de chamar de Fonte-1, já que eles não parecem usar nenhum nome para designá-lo, é provavelmente muito parecido com o nosso Júpiter, um gigante gasoso. A partir desta informação e de mais algumas outras, acreditamos que os nossos vizinhos sejam grandes compostos gasosos em um equilíbrio químico delicado, alguma coisa semelhante a nuvens.”

Como Naskan já esperava, houve um grande tumulto após aquela explanação. Ele próprio achava a teoria bastante improvável, mas, de acordo com vários bioquímicos, era a única hipótese aceitável para a vida em um gigante gasoso.

Desta vez, como as conversas não pareciam diminuir, Naskan voltou a falar, forçando o silêncio:

- Senhores, eu sei que a idéia de nuvens inteligentes vagando por aí pode parecer absurdamente ridícula na Terra, mas imaginem um planeta como Júpiter, uma imensa bola de gás, girando em torno de um pulsar, recebendo um bombardeio constante de ondas de rádio. Acreditamos que, em algum momento, alguns compostos gasosos combinaram-se de maneira estável formando uma espécie de vida. Estes seres seriam capazes de captar - o que, no caso deles, é um termo melhor que enxergar - ondas de rádio, e “pensar” através de reações químicas extremamente complexas que ocorreriam dentro da “nuvem”. Outra forma de pensar neles é como imensas células, só que gasosas.

- Mas como tais criaturas, mesmo que sejam possíveis, evoluiriam? A evolução não passa por interação com o meio? - Perguntou um dos chefes de estado.

- Esta é uma excelente pergunta - respondeu Naskan. - Sim, acreditamos que a evolução da inteligência passe pela manipulação do meio. Acreditamos que este seja, talvez, o principal motivo das baleias, por exemplo, não terem desenvolvido completamente sua inteligência; elas não têm órgãos com os quais possam manipular o ambiente em torno de si, como as nossas mãos. Nós passamos por esta questão, e chegamos à seguinte conclusão: eles podem manipular o ambiente, eles podem provocar reações químicas no mesmo, podem catalisar as reações que lhes interessem e impedir as que lhes prejudiquem. Eles interagiriam com o mundo de uma forma totalmente diferente da que nós concebemos. Ou isto, ou nossas idéias evolutivas devem ser revistas.

- Mas como criaturas de gás, vivendo em um mundo de gás, podem construir aparelhos que permitam receber e enviar sinais de rádio? - Era a pergunta de um outro chefe de estado.

- Na verdade essa idéia foi muito importante na definição das criaturas com as quais estamos lidando. Era fundamental que eles fossem capazes de perceber e enviar ondas de rádio. Para receber, acreditamos que as próprias criaturas são o instrumento, quando eles dizem ser capazes de ver ondas de rádio. Assim, além de vê-las, acreditamos que sejam também capazes de interpretá-las, perceber o seu conteúdo e se este comporta alguma informação. Já para enviá-las, acreditamos que sejam capazes de produzi-las com os próprios organismos, ou induzir alguma reação físico-química nos gases que os circundam.

“Todas as questões levantadas pelos senhores nos perseguiram em algum momento ao longo destes quase dois meses, mas, mesmo que em alguns casos pareça absurdo, sempre fomos capazes de respondê-las com alguma idéia que

se ajustasse aos fatos. Houve, no entanto, uma pergunta muito mais difícil de ser respondida, que envolve um grau muito maior de suposição: como eles puderam compreender nossa língua através de transmissões de rádio vivendo em um mundo onde não há nenhum parâmetro de comparação? Como em um mundo tão diferente eles foram capazes de fazer correlações entre nossas palavras e seus significados no mundo real?

“Estas duas perguntas ocuparam muito tempo nas nossas discussões, e tomarão muito tempo ainda da humanidade nos anos que se seguirão. Tudo que pudemos deduzir foi: eles devem ter considerado a mensagem de J. Rooter de suma importância para o entendimento, ou não teriam utilizado o código binário sugerido por este como linguagem para a comunicação; assim, achamos que, uma vez que eles obtiveram a mensagem em binário que dizia o mesmo que as outras mensagens nas diversas línguas, foram capazes de usar aquilo como um índice, traduzindo todas as outras mensagens para binário, de forma que podiam trabalhar com elas.

“Temos motivos para crer que eles monitoram nossas atividades desde a primeira das transmissões de rádio que fizemos, sempre sem entender o que dizíamos. Quando obtiveram o índice a partir da mensagem de Rooter, traduziram todas as mensagens anteriores, juntaram tudo isso e consideraram tudo que as nossas línguas poderiam estar dizendo. Obviamente, se eles realmente agiram assim, surgem duas implicações: a primeira é que eles não têm idéia do que muitas das nossas palavras representam, e nós acreditamos nisto pelas perguntas que eles nos enviaram; e a segunda implicação é que eles têm cérebros, se é que a palavra se aplica, com uma capacidade fantástica, capaz de trabalhar com os dados com a velocidade e organização dos nossos computadores aliadas à inteligência destas criaturas. Eles seriam para nós “computadores vivos”.

“Uma idéia que corrobora fortemente esta interpretação é a sugestão que eles fizeram de que passemos a usar uma linguagem mais complexa para comunicações assim que estabelecermos o entendimento mútuo, pois eles não conseguem representar muitas das idéias que tentam na linguagem que estamos usando.

“A conclusão que podemos tirar disso, senhores, é que eles têm uma linguagem que permite raciocínios tão complexos que nós não seríamos capaz de acompanhá-los.

“Apesar do choque inicial que esta afirmação pode representar, há ainda a outra interpretação: nós, no sentido contrário, somos muito mais avançados que eles em todas as ciências experimentais, pois a capacidade de interação que eles têm com o meio é limitada ao seu mundo, sendo praticamente inútil fora do mesmo. Além do fato deles não possuírem materiais sólidos para manipular, como metais e coisas que o valham.

“Assim, senhores, ambas as espécies têm muito a ganhar com este intercâmbio cultural. Surge, então, o problema seguinte: como conduziremos esta comunicação e qual será nossa próxima mensagem?”

O auditório explodiu em palavras e línguas, todos falavam simultaneamente.

Parte V - Os Observadores

Aquela civilização estava realmente surpresa pela primeira vez em alguns bilhões de anos. O último relatório periódico do grupo responsável por acompanhar o crescimento das civilizações na periferia da galáxia deixava isto muito claro:

- Desde que, há bilhões de anos, percebemos que éramos indubitavelmente a mais avançada e antiga civilização desta galáxia que nós monitoramos o avanço das civilizações mais recentes. Sempre com o cuidado de não interferir na evolução das mesmas até que estas tenham evoluído o suficiente para tomar conhecimento da nossa existência. Ao longo do último ciclo, houve um fato totalmente inesperado: duas civilizações, uma contemplativa e uma manipulativa, começaram a comunicar-se muito antes do esperado.

“Não sabemos a causa específica desta aceleração evolutiva, ou mesmo como foram capazes de compreender-se mutuamente tão no início de suas respectivas evoluções. Mas, monitorando suas comunicações, concluímos que o intercâmbio está sendo extremamente benéfico para ambos os lados. A civilização manipulativa, particularmente, que ainda encontrava-se no início do período espacial e nem mesmo tinha atingido a unidade como espécie, deu um salto evolutivo enorme em alguns milhares dos seus anos. Acreditamos que, mesmo no início do próximo ciclo, a manipulativa, com ajuda da contemplativa, é claro, possa tomar conhecimento das viagens interestelares, tornando possível o contato físico entre as duas. Isto aceleraria ainda mais a evolução de ambas. Nós seremos forçados a contactá-los provavelmente já dentro de três ciclos, o que será oito ciclos antes do previsto.

“Por fim, acreditamos, considerando o nível de interação, que este é o embrião de mais uma civilização simbiótica.”



3º lugar na categoria Contos do Concurso Náutilus, promovido pelo fanzine *Intrepid* e cedido pelo editor para publicação no *Somnium*. A ortografia foi mantida conforme o original enviado pelo autor.

Nota prévia: O presente trabalho foi preparado no âmbito da disciplina Television: Sociology and Technology do mestrado em Política y Mass-Media leccionado na Universidad Camilo Torres, Florida, Confederación de Norte-América. A tradução para publicação na "Revista de Multimédia Ecran" foi feita pelo autor.

Segundo alguns autores, como Oliveira (1987), as origens da telenovela ("soap" na terminologia anglo-saxónica) devem procurar-se nos rádio-romances, muito populares na década de 50 (antes da expansão generalizada da televisão), geralmente patrocinados por marcas de detergentes, e estes por sua vez nos romances por fascículos (inícios do século XX). A este ponto de vista opõem-se fortemente Santos e Andrade (1989) que, baseando-se numa análise multidimensional da especificidade dos meios de informação utilizados, demonstram magistralmente que o sucesso da telenovela é uma função muito forte da identificação visual entre os diversos sectores socio-culturais do público tele-espectador e os personagens da novela.

A tendência para o alargamento do espaço ocupado pelas telenovelas tinha começado nos anos 70, e prolongou-se pelos 80. As sondagens mostravam que o público gostava de saber todos os pormenores, mesmo os mais irrelevantes, da vida dos actores, confundindo estes muitas vezes com os personagens que interpretavam.

Pereira (1984) mostrou que 73,9 por cento das conversas em locais de trabalho e transportes públicos tinham como tema a novela em exibição diária. Favorecida ao mesmo tempo pelo poder político, por razões que Aguiar (1988) analisa exaustivamente, eram frequentes, no fim da década de 80, novelas que se prolongavam durante anos, com três horas de exibição diárias.

No ano 2002 surgiu o conceito de "telenovela total", desenvolvido por Ayrton (2001, 2002), um MacLuhanista dissidente. Este autor opõe-se às teses que consideram como factores determinantes na evolução do género a ascensão do Brasil ao grupo dos "5 maiores" e a passagem da população hispânica nos EUA acima dos 50 por cento, propondo antes uma teoria baseada em argumentos pós-jungianos.

O número de horas foi aumentando até que, em 2006, a BBC/Globo/CBS mostrava, simultaneamente em 4 canais diferentes, 24 horas por dia, a vida dos 4 personagens principais da novela. Os satélites retransmissores tinham circuitos de atraso que sincronizavam a transmissão com a hora local dos países para onde a novela era enviada. Desta forma, os espectadores podiam acompanhar, em tempo real, a vida do seu personagem favorito. Houve alguma oposição da Sociedade Contra a Invasão da Privacidade dos Cidadãos, mas a acção que moveu contra aquela multinacional foi rejeitada pelo Tribunal de Haia.

Materializou-se assim a coincidência entre espectáculo e vida real. "Life is show and show is life" era o motto do departamento de produção de "A vida de Antonio, Brigitte, Cristina e Dave", os ABCD como eram familiarmente conhecidos por centenas de milhões de espectadores. Antonio (mexicano, hispano-índio, 32 anos) podia ser observado vinte e quatro horas por dia no Canal 17; os Canais 23 e 25 davam conta de todos os acontecimentos nas vidas de Brigitte (francesa, loira, 38 anos) e Cristina (brasileira, de ascendência japonesa, 29 anos); e o Canal 29 apresentava Dave (americano, negro, 35 anos). Algumas regiões tiveram necessidade de legislar contra a existência de televisores de pulso nos locais de trabalho.

O mercado televisivo era no entanto um mercado muito volátil. Cerca de dois anos após o início da "telenovela total", os índices de audiência começaram a dar sinais de enfraquecer. Os produtores eram naturalmente perfeitos conhecedores dos códigos do género, compilados anos antes por Baresi (2004). Assim, sabendo que o coeficiente de empatia público/personagens, verificadas certas condições, tende para um máximo quando estas são colocadas numa situação difícil, fizeram com que Brigitte sofresse um acidente doméstico de que resultaram algumas queimaduras de 3º grau, internamento numa clínica, cirurgia plástica, várias semanas de recuperação.

O índice WATCH ponderado (obtido de 6 em 6 horas com base num universo fixo, corrigido por flutuações demográficas) subiu 3 pontos, mas recomeçou a descer.

Foi necessário então provocar um acidente de automóvel no qual Dave sofreu várias fracturas expostas, com a necessidade subsequente de três intervenções cirúrgicas. Embora as sondagens spot mostrassem que as cenas hospitalares traziam um aumento de audiência pontual, o índice apenas atenuou a sua descida.

Quando foi concluído, sem sombra de dúvida, que se estava perante uma vaga de fundo, uma reunião ao mais alto nível teve lugar secretamente na BBC/Globo/CBS. Depois de uma apreciação dos índices de audiência, a decisão de terminar o programa foi unânime. Entre uma proposta de um fim gradual (fazendo desaparecer os personagens um a um, o que poderia reforçar momentaneamente a audiência em relação aos sobreviventes) e outra de um final súbito e

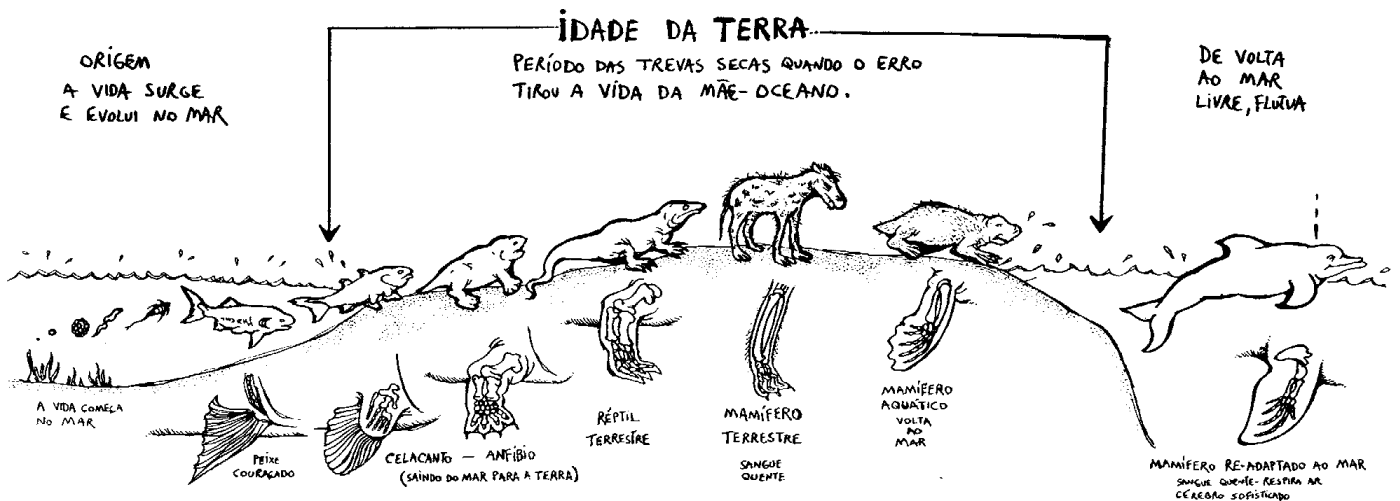
mais dramático, foi aprovada a segunda, por 7 votos contra 2. Para concretizar o final, foi feita uma simulação da espectacularidade de um acidente aéreo e de um aquático, sendo escolhido o segundo, dado o muito maior impacto emocional dos destroços e corpos a boiar, sangue a espalhar-se na água, etc. Foi assim decidido que os quatro personagens principais iriam a bordo de um iate e que este explodiria, presumivelmente devido a um curto-circuito (Anon., 2008).

E foi o que ocorreu, 3 dias após esta reunião. A explosão do iate, mostrada em simultâneo pelos 4 canais da “telenovela total”, bateu o record absoluto de audiência. A publicidade exibida atingiu preços astronómicos (Watch, 2008). À data em que escrevemos este texto, prossegue ainda a batalha jurídica entre a SPAT (Sociedade Protectora dos Artistas de Televisão) e a BBC/Globo/CBS.

Alguns autores, como Kellog (2011), consideram que os acontecimentos descritos constituem o climax do género, argumentando que o máximo de empatia implica um meio bidimensional, e que a holovisão, com a introdução da tridimensionalidade, constitui um processo de reprodução “demasiado real”. Outros opinam que estes argumentos são semelhantes aos utilizados várias décadas atrás quando da introdução da cor no cinema. Prosseguem entretanto as investigações (muito activas, segundo consta, na Confederação do Pacífico Ocidental) sobre a introdução do cheiro em produções holovisivas, com a intenção de, a médio prazo, se chegar ao espectáculo totalmente sensorial. Estes desenvolvimentos demasiado recentes estão todavia fora do âmbito do presente trabalho.

REFERÊNCIAS

- Aguiar, V. (1988), “O poder e a comunicação social - simbiose ou parasitismo?”, Editora Problemas e Soluções, Lisboa, Portugal.
- Anon. (2008), Actas do julgamento SPAT vs BBC/Globo/CBS, p. 3125-3157, Tribunal Internacional de Haia, Holanda.
- Ayrton, F. A. (2001), “The total soap opera concept”, International Journal of Mass-Media Studies, 27, p. 361-384.
- Ayrton, F. A. (2002), “Total Soap Opera - The Life Show”, Art & Science Press, S. Francisco, U.S.A.
- Baresi, D. (2004), “Television - Syntax, Semantics, Semiotics”, World University Press, Amsterdam, Netherlands.
- Kellog, W. (2011), “SPAT vs BBC/Globo/CBS - incident or end of an era?”, Sociometrics and Mediatics Journal, 32, p. 315-332.
- Oliveira, P. A. (1987), “As origens da telenovela”, tese de doutoramento, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Universidade de Lisboa-Sintra, Portugal.
- Pereira, J. P. (1984), “Análise estatística do público da telenovela”, 2º Congreso Latino-Americano de Comunicacion y Publicidad, Buenos Aires, Argentina.
- Santos A. e L. Andrade (1989), “Telenovela - relação biunívoca entre argumento e público”, Relatório de progresso do Projecto Integrado sobre Atividade Mediática, Escola de Engenharia Social, Universidade de São Paulo, Brasil.
- Watch (2008), Worldvision Yearbook.



É engraçado, mas eu, que não tenho boa memória, consigo me lembrar exatamente das feições do Josias. Baixote, magrelo, moreno e com os cabelos ralos. Não que isso importe muito, mas é assim que me lembro dele: Um homem comum, absolutamente comum, não era bonito ou feio, nem bom em demasia ou mau em excesso e que de vez em quando vinha beber um rabo-de-galo no meu bar. Bom papo. Não era diferente de qualquer outra pessoa da cidade, pelo menos até o dia em que, sem causa ou razão, começou a operar milagres. Isso mesmo, milagres, curar pessoas, esse tipo de coisa. Apesar de, no começo, ter minhas dúvidas a respeito, nunca achei que fosse trambique ou malandragem dele. Ele era um sujeito calmo que trabalhava meio expediente em banco. Não era o tipo de gente que de repente sairia por aí a enganar as pessoas.

Não sei bem como surgiu o dom, só sei que foi subitamente num dia qualquer. A vinda do dom, vamos chamá-lo assim, o alterou profundamente. Ele se tornou um sujeito mais sério, sorumbático até. Parou de contar piadas, deixou de beber a sua cachacinha e de fumar o seu cigarrinho. Ele começou a acreditar que tinha uma missão. Continuou no emprego de meio expediente – outra coisa que me levou devagarinho a acreditar mais firmemente nele – e no restante do dia curava as pessoas. No começo, os vizinhos, os colegas do banco, os amigos. Depois, conforme a notícia de que a nossa cidade tinha um “curador” se espalhava, principiou a vir gente das cidades vizinhas e até de lugares mais longínquos.

Fora isso, a vida na nossa cidadezinha continuou como sempre fora, a não ser, é claro, pelos barraqueiros e camelôs que tinham chegado aqui e inundavam a praça vendendo todo tipo de bugiganga: santinhos, água supostamente benzida pelo Josias, terra sagrada de Israel e coisas do gênero.

Um dia, quando ainda estava com algumas dúvidas em relação ao Josias, mas curioso, resolvi ir até a casa dele verificar se a coisa toda era ou não malandragem. Cheguei, vi e saí profundamente chocado. Não porque me convencera de que ele era um picareta, mas porque vi coisas que ninguém costuma ver, coisas que abalam profundamente nossas certezas sobre o mundo: sem sombra de dúvida o sujeito fazia milagres. Não sei como, mas vi cegos com a visão recuperada, mudos novamente falando, aleijados andando, gente doente e desenganada com a saúde restaurada. Gente tristonha com olhos sorrindo para o mundo. Para todos tinha algo, até mesmo para aqueles que nada pediam. Deus, ou seja lá como você queira chamá-lo, tinha dado sem nenhuma razão aparente um benção àquele homem simples e comum que era o Josias! Como o mundo é inexplicável.

Quando cheguei em casa contei o que vi para minha mulher, ela me olhou e não falou nada, só concordou com a cabeça, talvez ela não acreditasse, mas eu sim.

Depois disso, fiquei muito tempo sem vê-lo. Ele abandonara o emprego, e em tempo integral se prontificava a ajudar as pessoas; até a família, mulher e filhos, ele deixara em segundo plano. Assim, foi uma surpresa quando o Josias chegou esbaforido no bar, com uma expressão de pânico gravada no rosto. Pálido como um morto, mal conseguia pronunciar as palavras.

A única coisa que conseguiu dizer em seu desespero foi – O poder...o poder...sumiu.....

– Quê? Perguntei eu não entendendo nada do que ele dizia. O homem estava realmente desesperado. Desesperado como apenas ficam aqueles que chegaram ao fim.

Dei-lhe um copo de cachaça, que ele bebeu de um gole só. Pediu outro e eu enchi de novo o copo. Da mesma forma, ele bebeu de uma talagada só. Ele se acalmou. E com mais calma, tentou me contar. Ainda tremia como uma vara verde, mas me contou – Quando acordei hoje, o poder sumiu, o meu poder de curar as pessoas sumiu – repetia sem parar.

Fez-se um silêncio, não tinha a mínima idéia do que deveria lhe dizer. Para não constrangê-lo perguntei qualquer coisa, acho que foi como ele percebeu que tinha perdido o poder.

– Chegou uma mulher em casa com uma criança no colo. A criança estava moribunda, morrendo nos braços da mulher quando ela chegou em casa. A mulher chorava desesperada, meio histérica, gritava que aquela era a sua única filha. Me aproximei, olhei bem a criança, coloquei as mãos sobre sua cabeça e.....

– E.... – interrompi, ansioso pela resposta.

– E nada, homem, nada. Absolutamente nada. A criança continuou do mesmo jeito, semimorta, agonizando. Tentei de novo e de novo nada. A criança morreu ali, na minha frente, sem que eu pudesse fazer nada. E foi isso. Eu saí de lá e agora estou aqui.

Nesse meio tempo, uma multidão começou a se ajuntar em frente ao bar. Em cidade pequena é assim, as notícias se espalham rápido e todos já sabiam que ele, Josias o milagreiro tinha falhado, que ele não conseguira curar a criança.

O Josias largou o copo e saiu.

Tentei segurá-lo pelo braço, mas ele se esquivou. Lembro que ele ainda virou o rosto e disse – É a hora, sabia que um dia ela chegava, mas nunca jamais estava preparado pra ela....

Sai de detrás do balcão e fui para a rua. Minha mulher também saiu da cozinha do bar e ficou ao meu lado para ver o que acontecia.

O Josias caminhou um quarteirão seguido pela multidão, que crescia a medida que a notícia se espalhava. Por fim algumas pessoas o cercaram e impediram que ele continuasse a caminhar.

Uma mulher, pelo semblante pude perceber que deveria ser a mãe da menina que o Josias não conseguira curar, começou a gritar de uma maneira irracional para ele – Por que? Por que você não quis curar minha filha?

Outras pessoas, que estavam por ali, também começaram a questioná-lo do porquê ele não curara a criança. Os que acreditavam nele começaram a perguntar porque ele não conseguira, se por um acaso, ele tinha desistido das pessoas de lá, se os tinha abandonado. Os outros, aqueles que não gostavam dele, começaram a chamá-lo de farsante, picareta, vagabundo e coisas do tipo. E acredite em mim, havia muita gente que não gostava dele, que pensava que ele só difamava o nome da cidade, que ele nos tornara motivo de piada e gozação na região.

Um velho todo torto de artrite, sabe-se lá como, abriu caminho entre a multidão e se aproximou do Josias. O velho mandou as pessoas calarem a boca. Não sei como ele conseguiu, mas as pessoas ficaram quietas. Com uma vontade sobre-humana o velho gritou a plenos pulmões – Eu tenho fé, eu tenho fé que este homem vai me curar. Cura-me, eu lhe imploro! – disse ele dirigindo-se para o Josias. A multidão silenciosa acompanhava tudo com atenção. Josias, como que recuperado pela palavras do velho, aproximou-se e abraçou-o com força. Passaram-se um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez segundos intermináveis e nada. O velho continuou tão disforme quanto era antes.

– Acabou – gritou o Josias, afastando-se do velho – acabaram-se as curas – gritou pateticamente o milagreiro.

A multidão continuou em silêncio, ninguém falou nada. Alguém, ninguém nunca sabe quem, arremessou uma pedra que acertou em cheio a testa do milagreiro. Este tonteou, as pernas bambearam, espirrou sangue da testa, mas ainda assim ele se manteve em pé, com toda a dignidade que tinha dentro de si.

Neste momento tentei correr em sua direção, tentar ajudá-lo, tirá-lo do meio da multidão, salvá-lo do linchamento que parecia inevitável, mas minha mulher me segurou pelo braço, balançou a cabeça negativamente e disse – Não, não saí daqui, se crucificaram Cristo, imagina o que fariam com você, um pobre dono de bar.

Fiquei no meu canto e nada fiz, talvez seja tão culpado quanto aquela corja que o cercava.

A multidão se aproximou mais ainda dele, impedindo qualquer tentativa de fuga que ele porventura pudesse ensaiar. Mas o engraçado é que ele ficou ali parado, com a cabeça rachada, esperando, sabe-se lá o quê, mas ficou lá, parado como um dois de paus, imóvel.

Uma segunda pedrada o acertou de novo em cheio. Um barulho seco. Pam! Desta vez ele não resistiu, caiu como uma laranja podre no chão. Aquilo foi como um sinal para a multidão. As pessoas caíram sobre ele como hienas que se aproximam da presa, a mostrar toda a fúria que tinham contidas dentro de si.

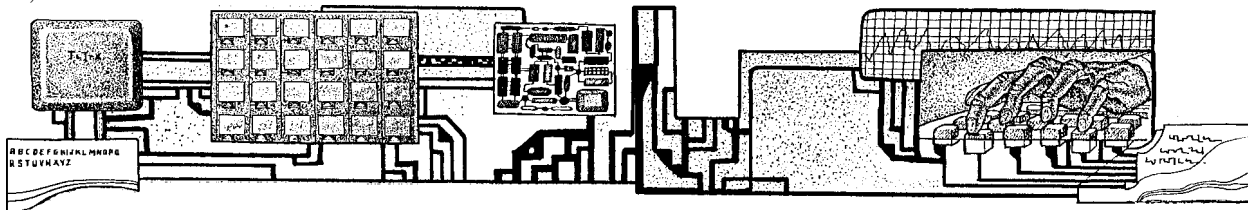
Aqueles que Josias curava, os que o achavam um pilantra e os outros que ele não curara, estavam todos ali. Gente saudável e doente, velhos e jovens, homens e mulheres. Agora todos se juntavam para descontar no pobre diabo do Josias todas as suas misérias pessoais, todos os seus fracassos, todas as suas perversões. De novo Cristo, Josias fora transformado em Judas em sábado de aleluia. As pessoas só se satisfizeram da sua sede de sangue quando depois de um tempo infundável, talvez meia hora, ou talvez meio minuto, finalmente chegou o carro da polícia.

Entretanto não havia nada que a polícia pudesse fazer. A multidão tão rápido quando surgira, desapareceu. Onde antes estava o Josias, agora havia uma massa sem forma de carne, sangue e ossos manchando o meio-fio. Tentei chorar, mas o máximo que fiz foi virar as costas e ir embora de volta para o bar.

Não conseguiram nunca prender ninguém. A coisa, ou melhor, o crime – porque chamar de coisa algo que realmente foi um crime e dos mais pérfidos – ficou por isso mesmo.

Depois de algum tempo todos se esqueceram ou fingiram que se esqueceram do crime. Os aproveitadores – barraqueiros, vendedores de santinhos e lembranças desapareceram como se nunca tivessem existido. Devem ter ido para outro lugar se aproveitar de misérias alheias. Os outros, os daqui mesmo, continuaram com suas vidas, como se o Josias nunca tivesse nascido, quando perguntados sobre o milagreiro, fingem, desconversam, como se não fosse com eles. A mulher e os filhos do Josias se mudaram para outro lugar, jamais ouvir falar deles de novo.

Quanto a mim, o que restou foi contar a história do coitado do Josias, o milagreiro, que tão rápido quanto elevou-se, caiu.



O Listserver do CLFC é um fórum aberto de debates sobre FC, fantasia e horror, em português, via e-mail, na Internet. Um serviço gratuito, financiado pelo CLFC e coordenado por Gerson Lodi-Ribeiro, disponível para todos os sócios e não-sócios do Clube. Para ingressar na lista basta mandar uma mensagem vazia para:

<lista-do-clfc-subscribe@egroups.com>. O listserver do CLFC está mais ativo do que nunca.

Nesta edição, o que rolou nos últimos meses: links, William Gibson dizendo o que acha da internet, alguns participantes contanto como foi sua primeira vez... com a Ficção Científica e muito mais.

Notas de auxílio à leitura:

Por uma questão de incompatibilidade entre computadores dos usuários, recomenda-se aos participantes dos listservers em geral que não utilizem acentuações, intraduzíveis por alguns sistemas operacionais. As mensagens estão mantidas conforme foram remetidas (alguns missivistas não observaram a norma). As mensagens foram reduzidas, por motivo de espaço, sem alterar o seu conteúdo. Na medida do possível os autores das mensagens estão identificados.

Subject: Links

- *Ultimate Science Fiction Web Guide*

<http://magicdragon.com/UltimateSF/SF-Index.html>

- *Um interativo de Star Trek*

<http://members.aol.com/wwwgeo/trek.htm>

- *Babylon 5 Enciclopedia*

<http://interweb.uml.edu/B5/Enc/>

- *Perry Rhodan Brasil*

<http://www.geocities.com/Area51/Corridor/5967/prmenu0.htm>

Felipe

Subject: A Internet é uma Perda de Tempo

Segue abaixo uma entrevista conhecida, dada por William Gibson tempos atras.

Blek.

Eu criei a palavra "cyberespaço" em 1981 em uma de minhas primeiras histórias de ficção científica e subseqüentemente usei para descrever alguma coisa que pessoas insistem em ver como um tipo de literatura própria da Internet. Sendo assim, alguns pensam que isso é notável, já que não uso E-mail. Na verdade, tenho evitado, porque sou preguiçoso e gosto de permanecer no 'espaço' (que é também o espaço de onde romances vêm) e porque também E-mails não respondidos são uma fonte de desconforto. Mas recentemente, venho me tornando um ávido vasculhador da WWW. Algumas pessoas acham estranho. Minha esposa acha perversidade. Eu entretanto, enxergo grandes mudanças a caminho, possibilidades que nunca foram manifestadas no início da Internet. (...) "Surfar a Web" (como duvidosa metáfora para "rodovia de informação") é, como um amigo meu diz, "como ler", como ler revistas com todas as páginas juntas."(...) Eu permaneço. Ligado. Este lazer - estar folheando, aleatoriamente ligando meu caminho através desses pequenos remendos virtuais - ou de algum modo, imagino que estou desempenhando alguma função mais dinâmica? O conteúdo

da Internet aspira para uma variedade absoluta. Pode-se achar qualquer coisa lá. É como ter acesso à mente coletiva-global. Em algum lugar, seguramente, há um site que contem... tudo que perdemos?(...). Em nosso hiper-imediatismo atual, chegamos a suspeitar que ver televisão constitui uma espécie de trabalho. Criaturas pós-industriais de uma economia de informação, cada vez mais sentimos que o que fazemos é nos alimentar da mídia. Temos nos tornado pessoas cientes. Não há tal coisa como simples diversão.(...) A Internet é nova, e nossa resposta para isto ainda não amadureceu. É metade de alguma coisa formando-se, crescendo. Larval. Não é o que era a seis meses atrás; e em outros seis meses, será alguma outra coisa novamente. Isto não foi planejado; isto simplesmente aconteceu, é acontecimento. Aconteceu como as cidades aconteceram. É uma cidade. (...). De qualquer modo, nosso mundo não nos oferece um paraíso de lazer. A palavra em si tornou-se de alguma forma suspeita, numa tanto quanto vaga e melancolica valise de couro, em um cartaz da vitrine de Ralph Lauren. Só aqueles velhos ou aqueles em desvantagem econômica (que não tem seus horários presos) tem o tempo em suas mãos. Ser bem sucedido, aparentemente, é estar cronicamente ocupado. O que eu poderia argumentar, é que a Internet é o 'teste de barras' para o que quer que venha tornar-se o meio global, oferecido para nós. Hoje, em seu estado larval, curiosamente inocente, oferece a nós a oportunidade para desperdiçar o tempo, para vagar pelo incerto, para sonhar acordado[a][s] sobre outras incontáveis vidas, as outras pessoas, distantes, do outro lado de muitos monitores naquele pós-geográfico meta-país, que chamamos de casa. Provavelmente desenvolverá alguma coisa consideravelmente menos aleatória e menos divertida - surfar a Web é o sonho de um procrastinador.

E as pessoas que vêm você fazendo isso, pensam que você está trabalhando.

[William Gibson é o pai do cyberespaço e o autor vários livros de ficção científica e romances]

Subject: Ganha um doce quem lembrar

Os dignísimos camaradas, ainda se lembram, o por que, ou melhor, aquilo que os atraiu, pela primeira vez, no genero FC ??

Blekbird

O primeiro livro de FC que li foi PLANETA MALDITO, o numero 3 da antiga coleção Futurâmica das Edições de Ouro,

a mesma coleção onde Lenine pescou uma capa bastante obscura para a capa de seu CD *O dia em que faremos contato*. O título original é *The Catalyst* e foi escrito por Vargo Statten. Não é um bom livro, mas tem algumas imagens notáveis: um ladrão sendo misteriosa e instantaneamente transformado em estátua de ouro ao fugir da polícia; um planeta sendo derretido ao meio por um mutirão de naves. Precisava mais?

Os primeiros livros *bons* de FC que li foram talvez *Viagem ao Centro da Terra* de Verne e *Frutos Dourados do Sol* de Bradbury. Sem contar *A Cadeia das 7* de Stefan Wul, o melhor de toda a coleção — e cuja edição da Argonauta, *O Império dos Mutantes*, sugeriu a Rita Lee e os irmãos Batista (os de São Paulo) o nome do seu grupo de rock dos anos 60-70. Os primeiros filmes de FC que vi, todos antes de completar dez anos: o *King Kong* de Cooper & Schoedsack, *Them!* (*O Mundo em Perigo*), seriados em P&B de Superman e Flash Gordon, *Earth vs. Flying Saucers*, *Invaders from Mars* (aquele onde os humanos raptados pelos marcianos voltavam com um “ponto eletrônico” implantado na nuca).

Braulio Tavares

Oh caríssimos netinhos, ao ler as vossas luminosas e juvenis mensagens sobre a vossa primeira fralda “cienciafictionista” fico a ruminar como o tempo passa e como me sinto irremediavelmente jurássico!! Pois o meu primeiro ingresso no campo do fantástico e duma certa Fc naif foi através de histórias em quadrinhos dum antigo almanaque brasileiro chamado Almanaque do Tico-Tico (o meu pai era brasileiro, do Pará), tinha eu os meus seis ou sete aninhos e estávamos nos anos aureos do Zeppelin, ou seja, 1937 ou 1938!! (A sério, não estou a inventar nem é erro de tecla...) Depois, já mais espigadote, com dez aninhos li as Mil-e-Uma-Noites (não é Fc mas é um espantoso arsenal de fantástico) durante um ataque de anginas que me deitou de cama durante umas semanas, e logo depois devorei os livros do H.G-Wells, quase todos belamente traduzidos em português e existentes na biblioteca do liceu onde tirei o curso - imagine-se, nos anos 40 o HG-Wells ao alcance de qualquer adolescente que se interessasse, lembro-meque a tradução d *A Máquina do Tempo* tinha o espantoso título de *Viagem à Esfinge Branca*!! É evidente que daí para a coleção Argonauta que começou a ser publicada em 53 foi um pulo...

Abraços ancestrais do Vovô Macedo

Jà que tá todo mundo abrindo seu coração e se declamando à FC, peço passagem. Acho que já contei em algum *Megalon*, mas comecei a ler e me envolver com FC, lá por volta dos 13 anos ao achar alguns livros velhos e empoeirados do meu pai, depois que mudamos de casa. O primeiro que eu li foi *Rumo aos Mundos do Futuro*, do Robert Silverberg, uma coletânea com contos criativos e algo ingênuos, bem do início de sua carreira. No cinema os primeiros filmes de FC de que me recordo foram *Star Trek - The Motion Picture* e *20 Mil Léguas Submarinas*, a versão clássica dos anos 50, estrelada pelo Kirk Douglas. Depois deste filme virei fã do

Julio Verne e procurei na biblioteca da escola livros dele. Li o *20 Mil Léguas...* e me decepcionei um pouco, pois o ritmo era muito arrastado e descritivo em comparação com o ritmo frenético do filme. Aos 15 anos, passava a reprise de *Star Trek* nas tardes da TV Bandeirantes e aí virei trekker. Chegava a não estudar para as provas para ver as aventuras “onde nenhum homem jamais esteve...”. Por essa época passava *Cosmos* na TV Globo e não perdia um episódio. E foi neste período que comecei a ler FC regularmente até hoje sem parar. O livro que me ganhou definitivamente para o gênero, foi *A Cidade e as Estrelas*, obra-prima do Arthur C. Clarke. Gostei tanto que li mais oito livros do Clarke em seqüência... Só depois conheci Asimov e todos os outros, especialmente com os livros da Francisco Alves e da Argonauta. O resto é história...

Marcello.

Oh, bem... Es sou um bocado velho, na verdade... Quando cursava o colegio em Jacarei, frequentava a biblioteca na cidade. Existia isso lah naqueles tempos. Lah lia aquelas colecoes maravilhosas da Time Life, as enciclopedias, mesmo... A bibliotecaria, que alias fequentava meus devaneios adolescentes, sugeriu que eu lesse 1984, Admiravel Mundo Novo e um tijolo chamado Fundacao... Os dois primeiros achei chatos, o terceiro...Ah, sim... Havia os manga dos meus colegas da colonia japonesa, que naquela epoca 1970-1975 eram Muito Interessantes... Temos um colega na lista que adora HQ japonesa, nao? Ele nos explicaria um genio chamado Tezuka...

Ernesto

Terminei me deixando contagiar pela abertura nostalgica geral: Minha iniciacao com FC foi meio traumatica: meu padrinho (e tio) era fanatico por Terror e FC, e ficava me contando filmes que via, pintando o diabo muito pior do que era... Me lembro de morrer de medo da “Tarantula” e de “Them!” (um filmeco sobre formigas vitaminadas). Mas isso terminou compensando, porque no meu aniversario de 8 anos ele me deu uns volumes da colecao Futuramica, da Ediouro. Recebi ao mesmo tempo “A Patrulha do Tempo” (Jimmy Guieu), o primeiro que li e que mais gostei; “A Vingança do Marciano” (Vargo Statten); e “A Cadeia das Sete” (Stefan Wul), sobre o qual o Braulio jah comentou, do qual eu não sabia a relacao com a Rita Lee, e que ficou mais interessante agora. Em menos de um ano, jah estava na Argonauta e na GRD, e praticamente em tudo que se publicava de FC em português. Desta epoca, os livros que mais me marcaram foram “The World of Null-A - não me lembro do titulo em português” (A E Van Vogt), “The Space Merchants - Os Mercadores do Espaco” (Cyril M. Kornbluth), “Way Station - Estacao de Transito” (Simak) e “The Puppet Masters - também não lembro o titulo nacional” (Robert Henlein). Minha primeira experiencia com FC no cinema foi um filme B do qual não lembro o titulo em português, mas que em ingles eh “20 Million Miles to Earth”. Nele, um bando de astronautas se perde no espaco e chega... na Terra, no futuro, com o mundo todo mudado, com mutantes e guerras interracialias! Qualquer

semelhança com o “Planeta dos Macacos” não deve ser coincidência... embora o fim seja menos dramático. Como o filme ainda está à venda na Amazon (procurar vídeos de 1957), não conto o final. Uma das minhas glórias é ter assistido ao primeiro (único?) Festival Internacional de FC do Rio, com o Kubrick apresentando 2001. Vi o filme sentado no chão, e depois assisti ao debate com um bando de gringos falando português... e eu abalado ainda pelo que tinha visto, sem conseguir esquecer a imagem do osso girando e se transformando em estação espacial. Dali nasceu o conhecimento amistoso com o José Saens, fanático pelo Heinlein, e que me deu muitas dicas de livros e autores. Abraços saudosos,
Cid Miranda.

Meu interesse por FC começou quando assisti ao trailer de Retorno de Jedi no cinema... com isso fiquei familiarizado com o assunto que foi reforçado com aquele 20.000 Léguas Submarinas, da Disney. Na literatura comecei logo com a Fundação que só deixei de lado depois de ler todas as seqüências. Daí pra Heinlein, Clarke e os tie-ins de Star Wars foi quase automático...
Fábio Barreto

Subject: Tristezas argonáuticas

Em tempos que já lá vão, dirigia eu a coleção de FC, LIMITES para a Editora Clássica. A páginas tantas resolvi visitar o escritório do único Agente Literário estabelecido em Portugal, e ver se ele tinha “novidades” para vender direitos. Novidades não tinha, claro. O livro mais recente de FC data já de há trinta anos. Contudo, em desespero de causa, passou-me para as mãos um livro rasgado ao meio. O título da segunda parte era o THE DAY AFTER THE JUDGEMENT, do James Blish. Como eu conhecia a obra, perguntei-lhe: “Então e o resto?” “O resto?” exclamou o admirável agente. “Está aí tudo!” “Céus!” repliquei. “Não está coisa nenhuma. Como pode estar se este livro que me deu começa na página 200? Falta a primeira parte. Falta o “Faust Aleph Null”. Isto é a continuação. Eu até estaria interessado no livro inteiro, mas, caramba, não quero publicar continuações de 100 páginas...” Perante as negativas do agente, que continuava a comportar-se como se não fosse nada com ele, desisti e fui tratar da minha vida. A solução do mistério era aliás muito simples. O agente “já” tinha vendido a primeira parte do livro à coleção Argonauta e tentava agora descartar-se da segunda partindo do princípio que João Barreiros era um tóto ignorante do mundo da FC. Mas agora, na alma inquieta do agente, novas dúvidas começavam a nascer... Se o livro era afinal a segunda parte de um romance único, ninguém mais o iria comprar... A não ser... De facto, meses mais tarde, a coleção Argonauta, num rasgo de loucura sublime, publicou as duas partes num só volume... Mas... Ó meus sobrinhos, não se esqueçam que vivemos no PIOR

dos mundos possíveis... meses mais tarde, a coleção Argonauta voltou a publicar a primeira parte do mesmíssimo livro, desta feita com outro título, outra capa, outro tradutor... Como se fossem coisas completamente diferentes... Como se só houvessem zombis do outro lado... Como se estivessem todos completamente nas tintas para o leitor. E não se esqueçam que “nunca” serão feitas reedições dos títulos antigos... Porque... A maior parte deles nunca pagou direitos de tradução. Foram edições piratas. A maior parte dos autores traduzidos já morreu e ninguém conhece os agentes que os representavam. A maior parte dos antigos tradutores já morreu idém aspas aspas (...). O agente “não” conhece novos autores. O limite de páginas de cada livrinho não pode ultrapassar as duzentas, o que limita as escolhas as obras publicadas só até aos anos sessenta.

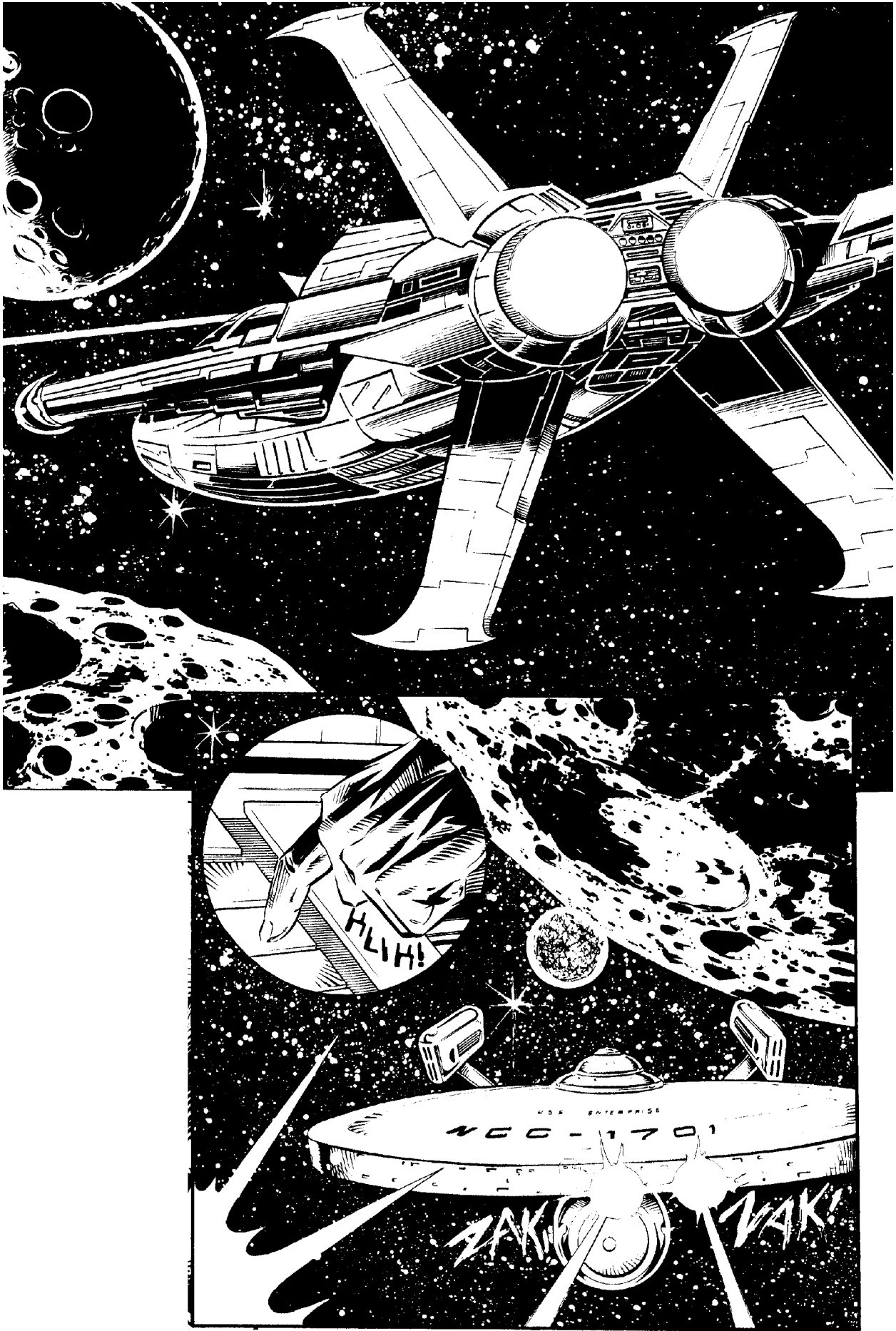
Barreiros

Subject: Sci-Fi??

Boa pergunta. A distinção entre “Science Fiction” e “Sci-Fi” existe, ao menos em tese. Acho até que foi criada pelo véio Asimov. Não me parece uma distinção muito necessária, na verdade, embora como tema de discussão possa até ser útil. Science Fiction (ou Ficção Científica) é a parte “séria” do gênero. Na literatura, é o véio Asimov, o véio Clarke, o Bradbury, o Frank Herbert... No cinema, é “2001”, “Solaris”, “Metrópolis”. Sci-Fi (ou o aporuguesado “Fi-Ci”) é a ala mais “festiva” do gênero. É a Pulp-Science-Fiction. Na literatura, é Perry Rhodan, ou os “tie-ins” (novelizações, no caso), de Star Trek, e tal. Nos quadrinhos, o Flash Gordon (e, mais ainda, quase todas as histórias de super-herói cabem no subgênero Sci-Fi). No cinema e na TV, temos Star Trek, Star Wars, Perdidos no Espaço, Exterminador do Futuro, Túnel do Tempo, Terra de Gigantes, Viagem ao Fundo do Mar, Galactica, Babylon 5 e aquela que, na minha opinião, é a melhor série Sci-Fi da TV no momento: Third Rock From the Sun. Essa distinção, pelo menos a meu ver, não comporta nenhum julgamento de valor, é apenas uma catalogação semântica. Em outras palavras, os últimos livros da dupla de zaga Asimov-Clarke são ficção científica da mais pura estirpe, e foram odiados pelo público. Por outro lado, obras Sci-Fi que foram concebidas prioritariamente como entretenimento, acabaram resultando geniais. A questão do gênero ou do sub-gênero está em que a obra cumpra aquilo a que se propõe. É pra ser diversão? Então que seja diversão da boa. É pra ser algo mais? Então que esse “algo mais” preste, pô! Falando nisso, agora me dou conta: olha só a quantidade de seriados de FC (ou de Sci-Fi, ou... ah, deixa pra lá) que já passou pelas nossas telinhas! Alguém aí tem algum “seriado de estimação” da infância? Eu tenho dois: Perdidos no Espaço e Seres do Amanhã (produção inglesa dos anos 60. Todo o elenco tinha a cara do John Lennon. Alguém lembra?)

Max Mallmann





SOMNIUM



CLUBE DE LEITORES DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Reuniões mensais, todos os últimos sábados de cada mês, das 15 as 18 horas,
no Clube dos Engenheiros, Rua José Paulino nº 7, São Paulo/SP
(próximo à estação Luz do Metrô).

Toda a correspondência deve ser encaminhada para
Cx. Postal 2105, S. Paulo/SP - 01060-970 - Brasil

Visite nossa nova página na Internet: <http://members.tripod.com/~CLFC>